



curso de
psicologia
ufscar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA



GRUPO DE PESQUISA INTERFACES ENTRE PSICOLOGIA SOCIAL E SAÚDE
COLETIVA

Monografia IV

Relatório de Monografia - Pesquisa Psicossocial em Saúde Mental

Período letivo: 2025-1º

**“Viver na Moradia é...”: A dialética entre o sofrimento ético-político e a
luta por reconhecimento dos estudantes na Moradia Estudantil UFSCar**

João Felipe Dias Ferreira RA: 801211

Docente orientadora: Profa. Dra. Luciana Fioroni

João Felipe Dias Ferreira

Luciana Fioroni

São Carlos,
Julho de 2025



“Quem estuda quer viver!”

(Pichação em frente ao Restaurante Universitário UFSCar campus São Carlos)

Sumário

1. Introdução.....	4
1.1. Cuidado em saúde mental: um panorama das políticas de saúde do Brasil.....	4
1.2. Dimensão social do sofrimento psíquico.....	7
1.3. Juventude: Desenvolvimento humano no contexto da América Latina.....	11
1.4. Sofrimento psíquico na universidade.....	14
2. Referencial teórico.....	18
2.1. O Processo Grupal.....	18
2.2. Sofrimento Ético-Político: O produto psíquico da dialética exclusão/inclusão.....	23
2.3. Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais.....	26
3. Justificativa.....	31
4. Objetivos.....	34
4.1. Objetivo geral.....	34
4.2. Objetivos específicos.....	34
5. Método.....	34
5.1. Delineamento do estudo.....	34
5.2. Cenário da pesquisa.....	36
5.3. Participantes.....	38
5.4. Instrumentos.....	40
5.5. Procedimentos.....	41
5.5.1. Produção de dados.....	41
5.5.2. Análise de dados.....	42
5.6. Cuidados éticos.....	44
6. Resultados e Discussão.....	44
6.1. Do levantamento sociodemográfico e de qualidade de vida.....	44
6.2. Dos grupos focais.....	51
6.2.1. O processo grupal: O duplo papel - Pesquisa e Intervenção.....	52
6.2.2. O produto grupal: A dialética entre desafios e estratégias de enfrentamento....	68
Desafios: Dimensões do sofrimento ético-político.....	71
Enfrentamentos: Articulação da luta por reconhecimento.....	90
7. Considerações finais.....	97
Referências.....	97
Anexos.....	103
WHOQOL-bref.....	103
Apêndices.....	108
Questionário socioeconômico.....	108

Resumo: O cuidado em saúde mental é perpassado por uma dimensão política, cujo atual paradigma é o modelo de atenção psicossocial. Ademais, o processo saúde-doença deve ser entendido de forma vinculada ao contexto social em que está inserido, de forma que determinantes sociais da saúde produzem iniquidades de sofrimento em uma sociedade também determinada pelo contexto econômico neoliberal de gestão psíquica. Nesse contexto, uma juventude se desenvolve em meio a diversos riscos de sofrimento, que se manifesta de formas específicas no contexto universitário. Tal cenário é agravado pelas inseguranças relativas à assistência estudantil, tornando necessárias investigações sobre as vivências em contextos particulares de populações vulnerabilizadas, como a Moradia Estudantil. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar as dimensões e repercussões do sofrimento psíquico nos estudantes da Moradia UFSCar-São Carlos. Foi realizada uma investigação-participante, onde 25 estudantes residentes da Moradia participaram de uma primeira etapa de mapeamento de qualidade de vida, instrumentalizado pelo WHOQOL-bref. Em uma segunda etapa, 11 participantes foram distribuídos em 2 grupos focais de caráter operativo, a fim de identificar os determinantes psicossociais de sofrimento e impactos na trajetória de vida, bem como realizar o acolhimento e elaboração destas questões. Foi constatada uma qualidade de vida geral média-baixa na Moradia Estudantil, variando em função de diferentes marcadores sociais e materiais. Ademais, a Análise Temática dos dados qualitativos resultou em um quadro complexo de “desafios” e “enfrentamentos” dialeticamente articulados na experiência de vida dos estudantes. Esta dialética foi interpretada como a coexistência do sofrimento ético-político e a possibilidade da luta por reconhecimento para mitigá-lo. Conclui-se que o fortalecimento articulado de medidas institucionais para permanência e estratégias coletivas para resistência são necessárias e possíveis para enfrentar o adoecimento psíquico na Moradia Estudantil.

Palavras-chave: Saúde mental; Moradia estudantil; Psicologia Social; Sofrimento ético-político; Luta por reconhecimento

1. Introdução

A fim de compreender o fenômeno do sofrimento psíquico de caráter ético-político do universitário no contexto da moradia estudantil, é necessário considerar alguns elementos fundamentais relacionados a sua ocorrência. São eles a evolução do entendimento e das políticas para cuidado em saúde mental no Brasil, aspectos sociais que implicam sofrimento mental, a experiência da juventude enquanto etapa de vida e as variáveis envolvidas no sofrimento psíquico no contexto universitário, os quais serão apresentados a seguir.

1.1. Cuidado em saúde mental: um panorama das políticas de saúde do Brasil

A saúde mental é uma dimensão humana cujo cuidado é perpassado pela dimensão política que determina significados e suas materializações na prática e no cotidiano de uma população. A atual configuração das políticas públicas de saúde mental é resultado de um processo histórico no contexto brasileiro, inserido em um cenário mais amplo de mudança de paradigma da psiquiatria: a reforma psiquiátrica.

Tal movimento surge no contexto pós Segunda Guerra Mundial, quando o modelo de tratamento da loucura se resumia ao espaço do manicômio, enquanto instituição que objetivava a segregação e era marcada pela violência asilar. Frente a este modelo, fortes críticas reformistas são construídas a fim de superá-lo em virtude da inserção da psiquiatria na esfera pública tendo como objeto a saúde mental (Kantorski et al., 2021).

Diante de tal processo mais abrangente, a reforma psiquiátrica é construída no Brasil com suas especificidades. Aqui, o processo tem seu início marcado através da eclosão de um movimento sanitário ao final da década de 1970, que visava uma transformação de valores culturais e sociais que pautasse práticas de atenção e gestão de saúde em uma perspectiva coletiva, de equidade e protagonismo de seus usuários, culminando na criação do Sistema Único de Saúde (SUS) a partir da Constituição de 1988. Dessa forma, a partir de um movimento social, a entrada do Projeto de Lei Paulo Delgado no Congresso Nacional, em

1989, é um primeiro marco legislativo de proposta da regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais, visando a eliminação do manicômio (Ministério da Saúde, 2005).

Após 12 anos de tramitação, é sancionada a Lei nº 10.216, que consolida as diretrizes da reforma psiquiátrica e institui o atual modelo de cuidado em saúde mental enquanto política nacional (Brasil, 2001). A partir disso, é garantida às pessoas acometidas de transtorno mental, sem qualquer forma de discriminação, a proteção de direitos à assistência integral e humanizada que objetiva a promoção de saúde, reinserção na família, no trabalho e na comunidade através de serviços comunitários de saúde mental, sendo proibida a internação em instituições com características asilares (Brasil, 2001). Assim, a assistência em saúde mental é redirecionada a um modelo de base comunitária, construída como forma substitutiva ao antigo hospital psiquiátrico, que passa a ser progressivamente fiscalizado e extinto (Ministério da Saúde, 2005).

Uma vez que “todo problema de saúde é também – e sempre – de saúde mental, e que toda saúde mental é também – e sempre – produção de saúde” (Ministérios da Saúde, 2005), esse novo paradigma de atenção à saúde mental é inserido e articulado no modelo mais amplo de cuidado em saúde no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) e, portanto, atende a seus princípios. Entre eles estão a *universalidade* de acesso às ações e serviços gratuitos e articulados, a *integralidade* da compreensão do processo saúde-doença, a *equidade* da oferta de tais serviços, a *descentralização* administrativa que prevê participação de diferentes níveis da hierarquia do Estado e a *participação popular* nos processos de decisão sobre seu funcionamento (Bleicher & Bleicher, 2016). O funcionamento do SUS tem base comunitária e é orientado pela noção de território, que é a designação de “não apenas de uma área geográfica, mas das pessoas, das instituições, das redes e dos cenários nos quais se dão a vida comunitária” (Ministério da Saúde, 2005). Dentro dessa lógica, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) operam como unidades especializadas de serviços em saúde mental,

sendo substitutivos ao hospital psiquiátrico e operando em atendimento diários os serviços de acolhimento e atendimento clínico, regulação da porta de entrada à rede de assistência em saúde mental visando a inserção social das pessoas com transtornos mentais, através do fortalecimento dos seus laços com a comunidade, da reinserção ao trabalho, lazer e exercício dos direitos civis (Ministério da Saúde, 2005).

Retomando o processo de construção da atual política de saúde mental, a instituição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em 2011, se mostra como um outro marco neste percurso (Kantorski et al., 2021). Trata-se da constituição de uma rede de equipamentos e serviços especializados em diferentes dimensões do cuidado em saúde mental, incluindo a atenção básica, a atenção estratégica, a atenção de urgência e emergência, a atenção hospitalar e a atenção residencial. Além disso, a portaria 3.088, que institui a RAPS (Ministério da Saúde, 2011), inclui estratégias de desinstitucionalização das pessoas com transtornos mentais, além de estratégias de reabilitação psicossocial e uma lógica de cuidado para o usuário de álcool e outras drogas, adotando o paradigma da redução de danos (RD) (Ministério da Saúde, 2011). Percebe-se, até este momento, um percurso de construção de uma política nacional de saúde mental que visa atender ao paradigma de cuidado da reforma psiquiátrica, culminando na implantação da RAPS.

No entanto, esse modelo de cuidado, construído sobre décadas de pressões sociais e mobilizações legislativas, tem sofrido um desmonte nos últimos anos, efeito do contexto político desde a ruptura institucional de 2016 (Cruz et al., 2020). Nesse sentido, resoluções e portarias emitidas nesse período adotaram o incentivo à internação psiquiátrica, o financiamento de Comunidades Terapêuticas, uma abordagem proibicionista em detrimento da RD nas questões de álcool e outras drogas, além da inclusão do hospital psiquiátrico na RAPS, operando inclusive equipamentos de eletroconvulsoterapia em um movimento de reciclagem do antigo modelo manicomial (Kantorski et al., 2021).

Enfim, é possível observar um panorama no que diz respeito à construção e ao ponto atual em que se encontram as políticas nacionais de saúde mental. Um movimento de contestação da psiquiatria manicomial, que surge na esfera social na década de 1970 e toma espaço na discussão normativa, se consolida no Brasil com a instituição de uma rede de atenção pautada em um paradigma de cuidado integral, mas que vem sofrendo um desmonte diante do cenário político dos últimos anos. Desse modo, a forma como a saúde mental é discutida e promovida, ou não, nas esferas macrossociais impacta a realidade social e psíquica de seus usuários, em seus diferentes contextos.

1.2. Dimensão social do sofrimento psíquico

“A produção de doenças ocorre no plano coletivo e, portanto, não se pode desvincular o estudo do processo saúde-doença do contexto social em que está inserido” (Innocencio & Mendonça, 2021). Tal afirmação, feita a partir da leitura do epidemiologista da área da medicina social latino-americana, Jaime Breilh, elucida a existência de uma relação indissociável entre a esfera social e o adoecimento individual, englobando tanto o padecimento biológico quanto psíquico. Isso significa que para entender os modos de sofrimento em uma sociedade é necessário entender os sistemas estruturais, as relações sociais, a história e cultura que o determinam. Tal movimento de jogar luz sobre as condições externas que interferem na vivência do indivíduo implica retirar do sujeito a culpabilização arbitrária de seu sofrimento e compreender que existem falhas estruturais que incorrem em adoecimento (Innocencia & Mendonça, 2021).

Nesse contexto, o conceito de *Determinantes Sociais da Saúde* (DSS) se mostra central para entender o processo saúde-doença. Trata-se de um conceito da saúde pública que classifica um conjunto de acontecimentos, fatos, situações e comportamentos das esferas econômica, social, ambiental, política, governamental, cultural e subjetiva que impactam positiva ou negativamente a saúde de indivíduos, segmentos sociais, coletividades,

populações e territórios (Fundação Oswaldo Cruz, 2020)¹. Os DSS também são definidos pela Organização Mundial de Saúde (2023) como:

Fatores não-médicos que influenciam a saúde. São as circunstâncias em que as pessoas nascem, crescem, trabalham, vivem, e envelhecem, e o conjunto de forças mais amplo que moldam as condições da vida cotidiana. Tais forças e sistemas incluem políticas e sistemas econômicos, agendas de desenvolvimento, normas sociais, políticas sociais e sistemas políticos.

O desenvolvimento da teoria dos DSS possibilitou a construção de um paradigma no entendimento do processo saúde-doença que reverberou e foi apropriado por instituições e pela esfera legislativa. Desse modo, a saúde é definida pela Organização Mundial de Saúde (1946) como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não a mera ausência de doença ou enfermidade” em um conceito ampliado de saúde posteriormente incorporado na Constituição Brasileira que a coloca como “direito de todos e dever do Estado, garantido políticas sociais e econômicas” (Brasil, 1988). Portanto, percebe-se que a saúde em seu sentido mais abrangente é tomado como consenso para a garantia de direitos do cidadão.

A partir dessa perspectiva, é possível discutir a relação entre os DSS e as iniquidades em saúde. Estas consistem em desigualdades no estado de saúde de grupos populacionais decorrentes dos determinantes sociais que atravessam tais grupos de forma injusta (Organização Mundial de Saúde, 2018), incluindo a distribuição de poder, renda, bens e serviços, as condições de vida e o acesso ao cuidado à saúde e educação, bem como as condições de trabalho, lazer e moradia (Fundação Oswaldo Cruz, 2020). Tais desigualdades refletem nas condições de sofrimento mental e são visíveis no cenário brasileiro, exemplificadas pelo levantamento das iniquidades em saúde realizado por Innocencio & Mendonça (2021) que aponta: uma prevalência três vezes maior de transtornos ansiosos em mulheres, em relação aos homens; maiores taxas de sintomas depressivos em mulheres

negras do que em mulheres brancas; e predominância de transtornos mentais entre pessoas de baixa renda. Portanto, percebe-se que o sofrimento mental no contexto brasileiro é atravessado pelas iniquidades em saúde determinadas pelos DSS, que são atravessados por uma estrutura social de desigualdade de gênero, raça e classe que não pode ser entendida separadamente de seu sistema econômico vigente: o neoliberalismo.

“O capitalismo é mais que um modo de produção econômica, é também um modo de produção de subjetividades” (Silva, 2022). Tal pensamento exprime que o sujeito inserido em um modelo socioeconômico tem sua subjetividade constituída dentro de um padrão de racionalidade e de uma psicologia inerente e particular de tal modelo, e que não se sofre da mesma forma dentro e fora de um determinado sistema econômico. No caso do modelo neoliberal, os sujeitos são levados a desenvolver uma individualização baseada no modelo de empresa, de forma a agirem em conformidade com a lógica capitalista, baseada no interesse, na utilidade e na satisfação, se autocompreendendo como “empresários de si mesmos” (Safatle et al., 2021).

Nesse sentido, no neoliberalismo o paradigma para se pensar o sofrimento psíquico torna-se a força performativa de produtividade e sua cúspide preferencial, a síndrome depressiva (Dunker, 2021). Isso porque no novo modelo de gestão empresarial de si, o sujeito se constitui como força individual e motora tendo sua potência produtiva como moralidade de valor. Nessa nova narrativa, os sofrimentos decorrentes de tal modo empresarial de gestão são representados num quadro de déficit produtivo atribuído ao indivíduo, que realoca o conflito com a realidade social em culpa individualizada, cuja solução é a reversão do estado depressivo através da medicalização. Dessa forma, percebe-se que “a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação do sofrimento” (Safatle et al., 2021, p. 11), no sentido que a constituição da subjetividade é moldada pelo modo de produção.

Em intrínseca complementaridade a essa lógica interna de funcionamento subjetivo do sujeito, existe um cenário externo de determinantes sociais relativo às condições de vida na sociedade neoliberal. Trata-se de um cenário marcado pela desregulamentação e a precarização das condições de trabalho, pelo dismantelamento dos direitos e pelo agravamento da desigualdade social que resultam na intensa sensação de insegurança social e incorrem na experiência de sofrimento e mal-estar nesta sociedade (Albuquerque & Matos, 2020). Ademais, esse panorama social de violência, desemprego e miséria se manifesta através dos fenômenos recorrentes de solidão, dissolução dos limites entre vida doméstica e trabalho, dominação da lógica de competição e produtividade generalizada que podem ser atribuídas como grandes fontes de sofrimento psíquico na atualidade (Neves et al., 2021).

Soma-se a esse cenário as expressões da psiquiatria biologizante e sua adequação a performance. Partindo do modelo empresarial de gestão de si, percebe-se que é incongruente compreender o sofrimento como resultado do conflito entre o indivíduo e seu meio sociopolítico, mas torna-se particularmente útil tratá-lo como um desarranjo orgânico desvinculado do entorno social (Neves et al., 2021). Dessa forma, o discurso psiquiátrico hegemônico reduz à esfera individual as causas e intervenções sobre o sofrimento psíquico, esvaziando o indivíduo de sua dimensão política e oferecendo como solução um design psicológico oferecido pela indústria farmacêutica e pautado no princípio de performance. Nesse contexto, a psiquiatria de *enhancement* se mostra como fenômeno característico, que consiste na prática de medicalização em vistas da maximização da potencialidade das funções humanas para satisfação de demandas sociais em paralelo à patologização de esferas da vida psíquica que antes não eram problematizadas.

Enfim, fica nítido que é impossível pensar o sofrimento mental dissociado de um contexto social mais amplo, considerando suas particularidades sociais e econômicas.

Contexto esse que constitui o cenário em que se desenrola o desenvolvimento de uma nova geração.

1.3. Juventude: Desenvolvimento humano no contexto da América Latina

Não há um consenso no que diz respeito à delimitação de faixas etárias e etapas do desenvolvimento humano, no entanto, algumas perspectivas se mostram úteis para a compreensão das fases da vida.

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, de Erik Erikson (1987), se mostra como uma teoria tradicional proveitosa para se discutir etapas da vida, mais especificamente, a juventude. Este autor propõe o desenvolvimento como a superação de crises características a determinados momentos da vida, marcados pela interação entre a fase de maturação biológica e as demandas sociais imprimidas sobre o indivíduo. Nesse sentido, Erikson propõe o estágio da Identidade vs Confusão de Papéis como característica da faixa etária dos 12 aos 20 anos, que consiste em um momento de estabelecimento da identidade social e ocupacional do indivíduo como contraponto ao desfecho negativo de confusão acerca do papel a ser desempenhado na vida adulta. Em seguida, o estágio da Intimidade vs Isolamento, estimada entre os 20 e 40 anos, seria marcada pelo desafio da formação de fortes laços interpessoais íntimos, em contraposição ao desfecho negativo da solidão (Shaffer, 2011). A partir dessa perspectiva, é possível compreender uma relação dinâmica conflitiva entre indivíduo e sociedade que proporcionam ao sujeito oportunidades de desenvolvimento, bem como algumas dimensões relativas à fase juvenil.

Por outro lado, Krauskopf (2005) propõe o desenvolvimento como um processo múltiplo, distinto entre sociedades, estratos socioeconômicos e culturas, de forma que é necessário compreender tal contexto social mais amplo de maneira integrada a forma que o desenvolvimento se dá dentro deste contexto. Nessa perspectiva, a autora lança seu olhar sobre a juventude na América Latina, definindo-a em linhas gerais como uma fase marcada

por interesse em novas atividades, ênfase na vida social, exploração de capacidades pessoais e uma atitude mais positiva frente à vida. Aponta também que tal momento de desenvolvimento intelectual e maturidade sexual resultam em uma nova forma de inserção do sujeito no mundo, com a preocupação da diferenciação identitária de seu núcleo familiar, bem como de se reformular as relações com o mundo. Ademais, a autora aponta que apesar de a fase juvenil ser recorrentemente apontada como um período de risco, a juventude não é um risco *per se*, mas que toda etapa de desenvolvimento carrega riscos e é necessário assumir a realidade de determinação social, mais que ontológica, dos riscos (Krauskopf, 2005).

A partir desta última perspectiva é possível pensar algumas dimensões estruturantes da vida juvenil na América Latina. Assim, para entender a construção da juventude nesse contexto é necessário entender que esta ocorre no desenrolar de transições históricas e políticas, contextos de desigualdade econômica e um marcante movimento de globalização. Em meio a esse cenário, é possível apontar algumas dimensões relevantes no universo juvenil (Krauskopf, 2005).

A interrelação entre modernização, globalização e desigualdades sociais se mostra marcante nesse contexto. Tal panorama diz respeito à aceleração das mudanças e às instabilidades sociais que caracterizam a atualidade e debilitam o papel do projeto de futuro como eixo de organização vital. Assim, em meio à transformação dos valores e metas da geração de jovens adultos, que já não mais refletem aos de seus pais, desenvolve-se uma elevação do mundo virtual de comunicação como mediador da produção de subjetividade de uma juventude (Krauskopf, 2005).

O contexto socioespacial também consiste em uma dimensão estruturante da juventude latina. Este, entendido como espaço concreto do desenvolvimento mais amplo do que meros espaços físicos, é marcado por uma insegurança em relação ao amparo que as instituições podem prover. Isso porque, com o desmonte do Estado de bem-estar social

somado a uma desigualdade social e econômica crescente, o indivíduo se sente cada vez mais dependente de si mesmo, o que potencializa o papel das condições econômicas familiares sobre as possibilidades de desfechos que se podem alcançar.

Ademais, a educação ocupa um papel central na trajetória dos jovens. Nela é depositada a possibilidade de que o estudante alcance maiores ganhos financeiros do que sua família de origem, mas também de exercer a cidadania de forma construtiva, configurando também um marcador de inclusão social, *status* e pertencimento. A esfera educacional também funciona como meio, da socialização e do encontro de modelos de identificação que possibilitam a elaboração da identidade. No entanto, de forma paradoxal a perspectiva da educação como esperança está o fato de que apesar de existir cada vez mais acesso a ela, existe menor acesso ao emprego. Soma-se a isso a forma como sistema educacional público pode ser operado mais como mecanismo de segregação do que de promoção da mobilidade social, reproduzindo as desigualdades intergeracionais a partir de modelos educacionais rígidos que perpetuam a discriminação e a exclusão especialmente dos jovens pobres (Krauskopf, 2005).

De forma complementar à educação, o trabalho se coloca como estruturante da subjetividade juvenil. Isso porque, frente ao contexto de exclusão educacional elucidado acima, o trabalho juvenil precoce e precário se mostra como necessidade para muitos. Desse modo, estão como consequências a interrupção dos estudos, as migrações, e a construção de uma vida laboral de baixas condições salariais e ausência de direitos trabalhistas, exemplificada pela alta adesão da juventude ao setor informal da economia (Krauskopf, 2005).

Finalmente, a família é apontada como dimensão relevante na vivência do jovem. Tal instituição, encarregada de proporcionar as bases para integração com o mundo, ainda possui o dever insubstituível de afeto e vínculo. No entanto, apesar desta permanência, há

transformações importantes na concepção de família, que incluem a mudança de papéis, especialmente das mulheres, e o reconhecimento de diferentes composições familiares, que muito dizem respeito à multiplicidade da realidade social da América Latina (Krauskopf, 2005).

Enfim, torna-se possível compreender a relação entre ontológico e social que constitui o desenvolvimento da juventude. Em um intermédio de disposições biológicas e demandas sociais, atravessar a juventude significa superar uma série de conflitos entre sujeito e mundo, bem como enfrentar um contexto histórico e cultural particular e complexo. Isso porque tal contexto possui uma gama de dimensões estruturantes, que apenas dão as bases para diferentes caminhos na vida do jovem. Dentre as possíveis trajetórias apresentadas à juventude, uma se mostra particularmente relevante: a vida universitária.

1.4. Sofrimento psíquico na universidade

A partir de um embasamento nas questões relativas ao histórico das políticas de saúde mental, da compreensão dos determinantes sociais de sofrimento e do desenrolar do desenvolvimento da juventude, é possível compreender o modo de operação do sofrimento psíquico na universidade como uma articulação entre as demandas de saúde mental do público jovem adulto universitário, inserido numa discussão relativa aos modelos de educação superior e das políticas de assistência estudantil. Tais dimensões serão pormenorizadas a seguir.

Diante do contexto de desenvolvimento da juventude, surgem algumas especificidades relativas ao sofrimento psíquico desse grupo. A partir de uma leitura de Canguilhem e Caponi, sofrimento psíquico pode ser entendido como obstruções dos modos de viver a vida, como uma estagnação no desenvolvimento do sujeito, determinada por processos de exploração, opressão e alienação (Innocencio & Mendonça, 2021). Sendo assim, diante do contexto mais geral de insegurança social apresentado anteriormente, o jovem tem

seu desenvolvimento minado por determinantes sociais causadores de sofrimento psíquico, que ocorre de forma mais específica em função de vivências particulares na vida do jovem, como a vida universitária.

A inserção do jovem no ambiente universitário implica determinadas experiências que impactam sua saúde mental. Isso porque o ingresso no ensino superior representa para muitos a entrada na vida adulta, incluindo as experiências de afastamento da cidade de origem e do núcleo familiar, a adaptação a um novo contexto de exigências pedagógicas, bem como a inserção em um novo ciclo social. Tal inserção também coincide com o período desenvolvimental de mudanças e instabilidades relativas à identidade e ao estabelecimento de laços, que requisitam do jovem a mobilização de recursos cognitivos e emocionais complexos (Penha et al., 2020), cuja forma de operação está relacionada a eventos da experiência de vida prévia, prejudicada por exposição a eventos estressores, por exemplo (Osse & Costa, 2011).

Diante de tais questões, apesar de a experiência universitária não ser necessariamente fator de risco, visto que enquanto possibilidade de desenvolvimento traz oportunidades de amadurecimento (Osse & Costa, 2011), é importante reconhecer consequências negativas recorrentes nesse contexto. Uma vez que, segundo Osse & Costa (2011, p. 117) “a conquista da vaga na universidade pode ser invalidada pela dificuldade em manter-se nela”, alguns fatores de risco para adoecimento estão relacionados ao ambiente universitário, entre eles: a depressão e as dificuldades com habilidades sociais, que prejudicam o estabelecimento de laços; os Transtornos Mentais Menores (TMM), que consistem em distúrbios psicossomáticos recorrentes nesse público; o consumo de substâncias psicoativas, muito difundido como forma de alívio das tensões nesse contexto; estressores do contexto, como avaliações, prazos e professores. Paralelamente, existem fatores que podem operar como proteção nesse contexto, de forma a minimizar o sofrimento e melhorar a adaptação ao novo contexto, como: o suporte familiar; a operacionalização de estratégias de atenção à saúde mental; a construção

de uma boa relação entre aluno e instituição de ensino (Penha et al., 2020). Como antecedente e consequência, os transtornos mentais se mostram como principais dificultadores da vida universitária, requisitando atuações de cuidado por parte das instituições educacionais (Albuquerque & Matos, 2020) para evitar seus piores desfechos podem culminar no adoecimento e fatalmente no suicídio (Osse & Costa, 2011).

Entendendo o sofrimento psíquico como atravessado pelos DSS, a forma como os estudantes são impactados e vulnerabilizados é desigual em função de algumas variáveis. Entre elas está: o ano de ingresso na universidade, tendo os estudantes mais avançados no curso relatado maiores impactos; o gênero, sendo as mulheres mais impactadas; a presença de atividade remunerada, sendo sua presença associada a menor sofrimento; a condição de moradia, sendo as residências familiares mais protetivas (Penha et al., 2020).

Como outra dimensão referente à experiência universitária estão os modelos de educação superior e seus impactos na experiência psíquica. A universidade, bem como qualquer instância da vida, é atravessada pelo contexto social e econômico capitalista neoliberal, de forma a incorporar sua racionalidade e as exigências da sociedade de mercado, reproduzindo-as no processo de formação acadêmica e profissional. Isso significa que a gestão neoliberal da universidade potencializou fatores de abalo emocional e psíquico (Maia, 2022), de forma que a formação universitária dos jovens está inserida num contexto mais amplo de insegurança, individualismo, competitividade, padrões cruéis de produtividade e de políticas públicas privatizantes que precariza as condições de vida (Albuquerque & Matos, 2020). Isso se reflete na experiência acadêmica através: da insegurança frente ao futuro, visto que a garantia de emprego é cada vez mais distante e as atividades acadêmicas públicas tem sido continuamente desvalorizadas através de cortes em seu financiamento; bem como do excesso de atividades, que implicam ansiedade e alterações nos padrões de sono.

Através dos anos, o ensino superior público brasileiro modificou significativamente seu perfil estudantil através de políticas de democratização de acesso (ENEM, SISU, sistema de cotas), o que requer pensar as necessidades de inclusividade do ensino. Isso porque modelos de ensino centrados na lógica do produtivismo e da exigência inalcançável se distancia da realidade socioeconômica do perfil discente, de forma a serem recorrentes situações de abuso de poder em sala de aula, excesso de trabalhos e cobranças, incompreensão da realidade do estudante trabalhador, bem como preconceito e opressão decorrente de racismo, misoginia e LGBTfobia (Albuquerque & Matos, 2020).

A democratização do acesso à universidade também implica pensar as novas demandas para permanência, como as condições de alimentação, saúde e moradia, sistematizadas a nível nacional pelo Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Trata-se da principal ferramenta de atenção psicossocial dos estudantes, que atua visando democratizar a permanência dos jovens na educação superior pública, minimizar as desigualdades sociais, reduzir as taxas de retenção e evasão, além de promover a inclusão social através da educação (Brasil, 2010). Como aplicação do PNAES na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) está o Programa de Assistência Estudantil (PAE) UFSCar. O Programa fornece assistência nas modalidades atividade, moradia, alimentação, transporte e apoio emergencial para estudantes em situação de vulnerabilidade econômica, mediante cumprimento dos critérios estabelecidos (FUFSCar, 2021).

Nesse contexto, a saúde mental se mostra como uma demanda crescente e urgente, visto que o relatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (Fonaprace, 2018) apontam o aumento excessivo de estudantes que vivenciam dificuldades emocionais no ambiente acadêmico entre 2010 e 2018, atingindo 83,5% dos estudantes, neste último, o que inclui altos índices de ansiedade, desmotivação, ideação de morte e pensamentos suicidas.

Dentre a discussão da permanência, a moradia estudantil se mostra um contexto particularmente relevante. O PAE UFScar oferece diferentes modalidades: a bolsa em dinheiro, vaga em moradias externas, e vaga na Moradia Estudantil interna, foco deste estudo. Isso porque trata-se de um microcosmo particular, com questões de qualidade de vida e saúde mental próprias, muitas vezes observados no cotidiano mas não verbalizados em demandas explícitas, conforme apontado pela Política de Saúde Mental da UFSCar (2023).

A partir de um estudo de mapeamento feito na moradia estudantil da Universidade de Brasília (UNB) por Osse & Costa (2011), alguns apontamentos sobre as condições de vida e saúde mental podem ser feitos. Foi possível traçar um o perfil dos estudantes que a compõem, sendo a maioria de origem familiar de renda muito baixa e de pais com baixo grau de instrução. Ademais, queixas de necessidade de assistência de saúde mental foram recorrentes, sendo muitas as queixas de bagagem com experiências traumáticas na infância e ansiedade elevada no presente, maior do que a média entre os universitários em geral. Além disso, foi apontado um campo de relações sociais permeado por tensões, no que diz respeito à presença de conflitos abertos entre grupos divergentes.

Portanto, percebe-se que a vida universitária consiste em uma vivência que mobiliza sofrimento psíquico de formas particulares. E mais especificamente, a vivência na moradia estudantil um recorte carente de investigação sobre impactos negativos sobre os quais intervenções devem ser elaboradas.

2. Referencial teórico

2.1. O Processo Grupal

O presente capítulo é intitulado a partir da obra homônima de Enrique Pichon-Rivière (1986), cujo esquema conceitual, referencial e operativo (ECRO) para intervenção e interpretação no contexto grupal serviu de base para a condução e análise desta etapa da

pesquisa e, aqui, será explicitado de forma a anteceder e embasar a discussão a respeito do processo grupal.

Neste paradigma, saúde mental compreende, em essência, a capacidade de enfrentamento da realidade de forma construtiva, a vivência não limitada por tensões e ansiedades, a experiência de relações de mútua satisfação e a capacidade de amar. Em contraposição, um sujeito adoecido seria aquele que, em função de deteriorações na comunicação e na apreensão da realidade, opera mecanismos de defesa contra seus medos e ansiedades, estagnado em uma situação de resistência à mudança. Soma-se a esta noção de saúde-doença do indivíduo o adoecimento em sua dimensão coletiva descrito por Durkheim como anomia, o fenômeno de progressivo isolamento e desintegração dos laços entre os sujeitos, configurando uma sociedade cindida. Diante disso, a intervenção grupal orientada pela tarefa tem como objetivo terapêutico, ideia de “cura”, a redução do montante de medos e ansiedades básicos de forma a permitir que o sujeito não precise recorrer a mecanismos defensivos estereotipados e seja capaz de desenvolver uma adaptação ativa à realidade, ou seja, visa retirar o sujeito de uma posição frontal em relação ao mundo em vista a uma posição dialética de agente de mudança social, na qual torna-se capaz de operar o interjogo de modificações mútuas entre si e sua realidade (Pichon-Rivière, 1986).

Diante desse contexto, o ECRO denominado como grupos operativos tem como propósito a mobilização das estruturas estereotipadas e a resolução das dificuldades de aprendizagem da realidade, podendo variar em sua tarefa explícita (grupo terapêutico, grupo de ensino, grupo de diagnóstico organizacional...) mas carregando sempre a tarefa implícita de ruptura desse estado anterior através do esclarecimento, visando superá-lo e favorecer uma situação de progresso ou mudança. Sua técnica está centrada na tarefa, cuja articulação de teoria e prática em uma práxis, permite o fortalecimento e flexibilização do ego dos sujeitos, bem como a promoção de adaptação ativa à realidade, estabelecendo uma dinâmica “de

resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal, e não no campo de cada um de seus integrantes” (Pichon-Rivière, 1986, p. 105), diferenciado-se, portanto, da lógica de uma psicanálise individual realizada em grupo, mas ainda sim permitindo uma compreensão em nível vertical (do sujeito em sua história individual) e horizontal (da totalidade comunitária).

Alguns princípios norteadores se mostram importantes na compreensão dos grupos operativos. (a) A *família* é considerada o modelo natural de interação grupal, visto que se trata de uma organização social transcultural básica na apreensão de papéis sociais; (b) O *vínculo* enquanto estrutura complexa que inclui sujeito e objeto em inter-relação dialética, é veículo das primeiras experiências sociais e é estabelecido sobre a base motivacional de necessidades; (c) A *aprendizagem* é entendida como processo de apreensão da realidade a fim de modificá-la, indissociável da adaptação ativa à realidade; (d) A *identificação* opera como instrumento para operacionalização da aprendizagem, reconhecimento de si no outro e aquisição de identidade coletiva; (e) O *esquema referencial* consiste no conjunto de experiências, conhecimentos e afetos de cada indivíduo, mas que também deve ser desenvolvido em um grupo a partir de seus denominadores comuns em uma nova configuração, a partir da aprendizagem; (f) A *interdisciplinaridade* é considerada a base para a compreensão e resolução em totalidade dos problemas sociais (Pichon-Rivière, 1986).

A partir disso, surgem as noções de três momentos na execução da tarefa, centro da técnica dos grupos operativos, que se desenrolam em uma sequência evolutiva no processo grupal: a pré-tarefa, a tarefa e o projeto. A *pré-tarefa* é um momento habitual do trabalho grupal em que os participantes mobilizam as técnicas defensivas de resistência à mudança de forma a postergar a elaboração das ansiedades que funcionam como obstáculo epistemológico e, portanto, deve ser elaborado pelo coordenador do grupo de forma a ser superado em vistas do momento subsequente. Por conseguinte, a *tarefa* consiste justamente

na elaboração das ansiedades na e ruptura da pauta estereotipada que estanca a aprendizagem, construindo um esquema referencial comum do grupo, através do vínculo, e tornando consciente uma percepção global dos elementos em jogo na realidade que, uma vez assimilada, pode ser reestruturada. Enfim, o *projeto* surge como um planejamento de futuro, a partir da elaboração possibilitada pela tarefa, quando se concretiza uma planificação e se consegue um sentimento de pertença entre os membros (Pichon-Rivière, 1986).

Na interação grupal, as participações dos membros podem ser tipificadas em função dos papéis que desempenham. “Estes representam modelos de condutas correspondentes à posição dos indivíduos nessa rede de interações” (Pichon-Rivière, 1986, p. 124), não são estanques a cada participante, mas idealmente ocupados em diferentes momentos por diferentes sujeitos. Destacam-se três papéis de relevância à análise: o *porta-voz* é o depositário das tensões e conflitos grupais, denunciando-os através do sintoma ou do discurso, sendo o “alcaguete” do grupo na medida em que explicita os conflitos de sua subestrutura, conjugando verticalidade (sua história pessoal) e horizontalidade (a totalidade grupal); o *líder* é o membro depositário dos aspectos positivos do grupo, operando em liderança e favorecendo o desenvolvimento da tarefa; enfim, de forma complementar a este, o *bode expiatório* atua como depositário dos aspectos negativos do grupo, sendo alvo da frustração grupal e segregado (Pichon-Rivière, 1986).

Soma-se a composição dos envolvidos na interação grupal duas figuras necessárias distintas: o *coordenador* e o *observador*. O primeiro estabelece uma relação assimétrica com o grupo, desempenhando a função de favorecer a comunicação e vínculo intragrupal, ajudando os membros a pensar e executar a tarefa, tendo como instrumentos a assinalação das situações implícitas e a interpretação, que consiste na explicitação de hipóteses da causalidade subjacente ao acontecer grupal que promove esclarecimento e novas formas de interação no grupo ao fornecer significados. Sua ação tem como objetivo a descoberta e

esclarecimento de interações que enfraquecem o pleno desenvolvimento da existência humana, bem como de fatores que o favoreçam. A postura do coordenador deve visar um caráter democrático, de intercâmbio de ideias constante com o grupo, intervindo em favorecimento do bom funcionamento deste, e afastar-se de um caráter autocrático (rígido, diretivo e hierarquizado), *laissez-faire* (isento de responsabilidade na condução do grupo) ou demagógico (falso democrático, impostor). De forma complementar, a figura do observador desempenha um papel geralmente não participante de registro panorâmico de todo material verbal e não-verbal dos acontecimentos no grupo, a fim de ajustar a condução dos grupos e favorecer a análise posterior (Pichon-Rivière, 1986).

Os grupos podem expressar diferentes organizações, comparáveis a tipologias familiares, merecendo destaque, no contexto desta pesquisa, a família esquizóide. Esta consiste num arranjo que “tende à dissolução, à ruptura progressiva dos vínculos” (Pichon-Rivière, 1986, p. 54), de forma a possuir pouca unidade familiar e integrantes que recorrentemente emigram, rompem comunicação e não experienciam a nostalgia. Diante desse funcionamento, a intervenção grupal deve ter como horizonte a abordagem do núcleo básico das perturbações depressivas e no estabelecimento de uma rede comunicativa, visando maior integração de seus membros.

A opção pelos grupos operativos se justifica nas potencialidades deste referencial. Trata-se de um instrumento potente de investigação, na medida em que fornece bases sólidas para a tomada de decisões no plano coletivo ao construir uma observação sistemática de problemas e análise de soluções a partir de propostas de inovação ou otimização das estratégias já existentes. Ademais, trata-se de um método que visa promover o protagonismo de seus participantes, que desempenham participação ativa na construção de um conhecimento científico socialmente produzido e embasado na compreensão e análise das vivências cotidianas. Apoiado em tais premissas, entende-se que este referencial favoreceu a

melhor organização do grupo, atenuando as ansiedades e redistribuindo os papéis em virtude de uma maior funcionalidade, tendo como efeito sobre seus participantes a aquisição de um pensamento discriminativo social e maior consciência de sua própria identidade e da identidade de seus pares. Enfim, também entende-se como ganho a implicação dos sujeitos em um processo de criação coletiva, incluindo a aquisição de maior bem-estar mental, solidariedade, a colaboração em obras coletivas e a construção de um projeto (Pichon-Rivière, 1986), essenciais no contexto de sofrimento psíquico na Moradia Estudantil.

2.2. Sofrimento Ético-Político: O produto psíquico da dialética exclusão/inclusão

(...) conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social, e, portanto, entender a exclusão e a inclusão como as duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas — a desigualdade social, a injustiça e a exploração. (Sawaia, 2017, p. 107)

Em “As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social” (2017), obra organizada pela expoente da Psicologia Social no Brasil, Bader Sawaia, o fenômeno da exclusão social é colocado sob análise em perspectiva ético-psicossociológica, ou seja, destacando o caráter objetivo da desigualdade social, ético da injustiça e subjetivo do sofrimento, sendo compreendido como processo sócio-histórico complexo e dialético, configurado pelo recalçamento das esferas sociais do sujeito, que se manifestam em sentimentos, significados e ações vividas por ele.

Ademais, a noção de dialética exclusão/inclusão é adotada em detrimento do rótulo impreciso de exclusão. Isso porque, destacando a contraditoriedade que constitui o fenômeno, entende-se que todos os sujeitos estão inseridos no circuito reprodutivo das atividades econômicas, ainda que nem todos de forma digna, mas insuficiente. Deste modo, a exclusão não é vivida apenas à margem da sociedade, mas inserida na sustentação da ordem social,

gerando sofrimento àqueles em processo de inclusão. Trata-se de um conceito que complexifica o entendimento da exclusão, ao compreendê-la como fenômeno social e não individual, que não se resume à ausência de renda, mas relacionado à ausência de poder e acesso precário aos serviços públicos e que se manifesta no campo do senso comum através de sentidos relativos à naturalização da exclusão, ao conformismo e à fatalidade de seus efeitos. No entanto, aqui esses sentidos são negados, concebendo a exclusão como “expressão das contradições do sistema capitalista e não como estado de fatalidade” (Sawaia, 2017, p. 39), de forma a reconhecer a potencialidade dos sujeitos em superar tal condição, sem desconsiderar a determinação social a eles imposta (Sawaia, 2017).

No que tange à construção e ao estudo da exclusão social no contexto brasileiro, algumas reflexões são necessárias. Em primeiro lugar estão as contribuições de Milton Santos, grande nome da Geografia brasileira, que enfatiza o peso do território sobre a questão da cidadania. Neste sentido, destaca que o acesso aos bens e serviços públicos é determinado pela gestão de tais recursos, além de que, na sociedade em que a coletividade perde espaço para as relações de consumo, a figura do cidadão é substituída pelo consumidor insatisfeito, em uma condição de não cidadãos. Assim, as condições de existência dos sujeitos são atreladas ao território em que vivem, a partir de uma desigualdade que impacta diferencialmente o valor de cada pessoa e se expressa pela simbolização do espaço concreto como reflexo da hierarquia social (Sawaia, 2017).

O desmonte do Estado do Bem-Estar Social também é uma dimensão necessária na construção do fenômeno da exclusão/inclusão no Brasil. Nesse contexto, a vulnerabilidade não se expressa apenas pela exclusão do mercado de trabalho, mas também pela precarização das relações empregatícias e sociais no contexto das políticas econômicas neoliberais, promotoras de uma inclusão perversa. Isso porque não é possível pensar na existência de verdadeiras políticas sociais num contexto de estrangulamento dos gastos sociais como ideal

de êxito econômico, de forma que “políticas ditas integradoras pouco incluíram” (Sawaia, 2017, p. 43). Assim, na experiência vivida dos usuários das políticas sociais, a pretendida transição da exclusão para inclusão é transformada na manutenção do modo de vida que permanece excluído, ao mesmo tempo que retira dos sujeitos suas condições de dignidade, humanidade e cidadania por viverem na fratura cada vez mais intransponível entre esses dois mundos. Tal cenário político também se reflete na construção de uma subjetividade antipública, através da disseminação midiática de uma ideologia antiestatal, de forma que direitos sociais são tomados como obstáculos ao desenvolvimento, o “custo Brasil” (Sawaia, 2017).

Compreendidas as raízes e expressões da dialética inclusão/exclusão, é necessário compreender os processos psicossociais e as subjetividades específicas gestadas por ela. Estas se expressam cotidianamente em processos de identidade, sociabilidade, afetividade consciência e inconsciência e destaca-se: (a) a *teoria da frustração-agressão*: o deslocamento da agressividade proveniente da frustração uma causa mal identificada ou muito poderosa em direção a alvos frágeis mais acessíveis; (b) a *desqualificação social*: trata-se da experiência de expulsão gradual do mercado de trabalho, que categoriza sob o rótulo homogeneizante da pobreza, em função do estabelecimento de uma relação de assistência com o Estado, um grupo extremamente heterogêneo e desunido por conta de suas diferenças; (c) o *enfraquecimento dos vínculos*: consiste na transformação da vida coletiva em mundo operário, marcado pela introjeção de uma identidade negativa e pelo ensimesmamento dos sujeitos; (d) a *desafiliação social*: enquanto a oferta institucional aos sujeitos de um projeto-doença, onde o sofrimento social da exclusão só é reconhecido sob a experiência de adoecimento individual, em detrimento de um projeto de afiliação social, motivado pela pulsão de vida e exercício da liberdade e autonomia; (e) a *relação de exclusão*: característica do capitalismo neoliberal, a exclusão orienta as relações dos grupos e é legitimada

psicológica e socialmente pela máxima da competitividade entre todos, da culpabilização dos indivíduos por mazelas sociais e pela exclusão dos saberes populares do circuito legítimo dos discursos; (f) a *identidade*: atributo que ainda mantém utilidade em sua construção para transformação de espaços de segregação em espaços de resistência no processo de confronto por inserção na dialética exclusão/inclusão (Sawaia, 2017).

Diante desse panorama histórico, social e subjetivo, o sofrimento ético-político é eleito como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Isso significa colocar a afetividade no centro da investigação científica social, reconhecendo que é no sofrimento, enquanto experiência afetiva, que a exclusão se objetiva no sujeito em um entrelaçamento do psicológico, do social e do político. Exemplificado didaticamente pelo banzo, experiência de sofrimento psicossocial pela exploração que pode resultar em morte biológica, o sofrimento ético-político “retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior” (Sawaia, 2017, p. 106). Tal experiência tem como contraponto a felicidade pública, que consiste na conquista da emancipação e da cidadania num nível coletivo, superando a afetividade narcísica hegemônica.

Enfim, percebe-se a pertinência e consonância da proposta de Sawaia (2017) para nortear o estudo do sofrimento psíquico dos estudantes no contexto das políticas de permanência estudantil no ensino superior. Trata-se de um espaço concreto onde a potência das políticas sociais são ameaçadas pelas sutis artimanhas da exclusão, que se expressam na experiência objetiva, ética e subjetiva de sofrimento daqueles que a vivenciam cotidianamente.

2.3. Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais

Um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele aprende a perceber sua própria ação da perspectiva, simbolicamente representada, de uma segunda pessoa (Honneth, 1949/2009, p. 131).

A Teoria do Reconhecimento é uma linha da filosofia social e da Teoria Crítica alemã, que tem na tese de Axel Honneth (1949/2009) um marco conceitual na análise dos conflitos sociais em suas dimensões afetiva, moral e social, adotado como referencial do presente estudo. Trata-se de uma tradição do pensamento filosófico, marcada pelas contribuições de Adorno, Habermas, Hegel, Horkheimer, empenhada na compreensão do funcionamento da sociedade “à luz de uma emancipação ao mesmo tempo possível e bloqueada pela lógica própria da organização social vigente” (Honneth, 1949/2009, p. 9) que enfatiza como a legitimidade da experiência humana é conferida a partir de uma dimensão relacional na interação com um outro. Apoiado nesta tradição e incorporando contribuições psicanalíticas acerca da construção psíquica mediada pelo social, Honneth avança na conceituação do reconhecimento ao eleger o conflito social como objeto central de sua teoria, buscando compreender de que modo as experiências de desrespeito pessoal e coletivo atuam como uma força moral que impulsiona o desenvolvimento social através do conflito, enquanto base da interação, e da luta por reconhecimento, enquanto gramática.

Assim, Honneth constrói sua proposta de uma estrutura das relações de reconhecimento incorporando à tradição filosófica as contribuições do psicólogo social G. H. Mead acerca do processo de individuação do sujeito em interação com seu ambiente social, bem como do conflito moral resultante desse processo. Isso porque, na medida em que o sujeito concebe-se a si mesmo a partir da perspectiva de seus parceiros de ação, constrói a noção ampliada de um “outro generalizado”, que corresponde à internalização das normas sociais acerca das expectativas que podem ser legitimamente dirigidas a todos seus membros, bem como as obrigações atribuídas para justificar tal condição. Deste modo, o sujeito adquire

a pretensão dos direitos que pode contar com o respeito legítimo por seus pares, o que possibilita a construção de uma atitude positiva para consigo mesmo. No entanto, em uma dimensão psíquica, há uma contraposição entre a instância cognitiva que orienta o comportamento do sujeito em conformidade às normas sociais, o “*Me*” e uma outra, inconsciente, dos impulsos internos que antecipam uma coletividade onde a realização de seus desejos seja possível, o “*Eu*”, resultando num conflito moral entre sujeito e sociedade, a fim de que possam ser praticadas as exigências psíquicas sob assentimento coletivo normativo. Portanto, percebe-se a agência de componente moral na ampliação do “outro generalizado” como disparador da ampliação das relações de reconhecimento (Honneth, 1949/2009).

Diante desse panorama, é apresentada a estrutura tripartida do reconhecimento a partir das relações de amor, do direito e da solidariedade (Tabela 1). (a) Como *amor*, entende-se o conjunto de relações primárias, caracterizadas por fortes ligações afetivas entre poucas pessoas, abarcando relações eróticas, de amizade e parentalidade, onde é possível um “ser si-mesmo no outro”. Trata-se de uma primeira relação de reconhecimento recíproco que constrói uma camada de segurança emotiva vivenciada como autorrelação prática nomeada “autoconfiança”, fundamental para o desenvolvimento de todas as outras; (b) No campo do *direito*, cuja existência é condicionada pelo processo histórico de construção de princípios morais universais, os sujeitos podem se reconhecer moralmente imputáveis quando partilham com todos os membros da coletividade a condição juridicamente assegurada de pessoas de direito, sem exceções e privilégios, experienciando o “autorrespeito”. Este é vivido apenas quando, além da aquisição do saber das obrigações jurídicas das pessoas autônomas, são vividas as aplicações destas obrigações, de modo que não basta o asseguramento jurídico de sua possibilidade, mas o nível de vida necessário para exercê-la. (c) Por fim, a *solidariedade* consiste no campo de reconhecimento da estima social, onde os sujeitos, para além do

reconhecimento jurídico de sua condição de igualdade, são reconhecidos por suas particularidades biograficamente individuadas, no plano da reputação, comumente denominado como status social. Trata-se do sentimento de valia social das realizações pessoais, nomeado “autoestima”, possível através de relações em que distintos modos de vida são reconhecidos de maneira simétrica. Nesse sentido, esta forma de reconhecimento é determinada pelos valores culturalmente definidos a respeito das categorias dignas de status, de forma que relações solidárias e a vivência da autoestima são possíveis apenas em contextos comunitários de valores orientados por concepções de objetivos comuns (Honneth, 1949/2009).

Tabela 1

Estrutura das relações sociais de reconhecimento

Modos de reconhecimento	Dedicação emotiva	Respeito cognitivo	Estima social
Dimensões da personalidade	Natureza carencial e afetiva	Imputabilidade moral	Capacidade e propriedade
Formas de reconhecimento	Relações primárias (amor, amizade)	Relações jurídicas (direitos)	Comunidade de valores (solidariedade)
Potencial evolutivo		Generalização, Materialização	Individualização, igualização
Autorrelação prática	Autoconfiança	Autorrespeito	Autoestima
Formas de desrespeito	Maus-tratos e violação	Privação de direitos e exclusão	Degradação e ofensa
Componentes ameaçados da personalidade	Integridade física	Integridade social	“Honra”, dignidade

Nota. Retirado de Honneth, 1949/2009, p. 212.

Para cada forma de reconhecimento há uma forma de recusa, ou seja, uma experiência de desrespeito capaz de rebaixar a autorrelação prática de um indivíduo e torná-las

perceptíveis a partir do sofrimento por sua falta. (a) Contra a autoconfiança construída pelo amor, a experiência de *maus-tratos físicos* é capaz de ferir profundamente suas estruturas; (b) No que tange ao autorrespeito conferido pelo reconhecimento jurídico, a posição *exclusão e privação de direitos* é responsável por sua negação; (c) Por fim, experiências de *ofensa e degradação* consistem no desrespeito da autoestima construída pela estima social, quando determinados padrões de vida e autorrealização não são reconhecidos positivamente em uma coletividade (Honneth, 1949/2009).

Como consequência dessas formas de desrespeito estão o abatimento do sujeito, mas também a possibilidade de sua superação. Isso porque são descritos quadros de sofrimento psíquico que cumprem, em relação à integridade psíquica, o mesmo impacto negativo que enfermidades orgânicas cumprem em relação ao corpo. Trata-se das metáforas de “morte psíquica”, “morte social” e “vexação”, que, no contexto deste estudo, são nomeadas como sofrimento ético-político. Portanto, percebe-se que para prevenir tais enfermidades psíquicas é necessário garantir as relações de reconhecimento que protegem os sujeitos de seu sofrimento. No entanto, diante de sua negação, as reações emocionais negativas podem tornar-se precisamente a base motivacional para impulsionar a luta pelo reconhecimento denegado de forma injustificada. Todavia, esta é uma possibilidade, não uma regra, visto que a existência de um entorno cultural e político que disponibilize a articulação a um movimento coletivo é condição para a transformação das experiências de desrespeito em motivação para à resistência (Honneth, 1949/2009).

A proposição filosófica social de Honneth não se limita à descrição dos processos apresentados, mas implica um projeto de evolução da sociedade, visando a concepção de eticidade. Para o autor, as experiências individuais de desrespeito apenas podem influir como motivadoras da luta por reconhecimento quando são interpretadas como experiências compartilhadas por todo um grupo, superando a perspectiva particular em direção a um

horizonte coletivo. Ademais, a resistência coletiva consiste em, além de um meio prático para a reivindicação de amplas relações de reconhecimento, um meio de reconhecimento por si próprio capaz de proporcionar uma nova autorrelação positiva ao arrancar os sujeitos de sua posição passiva de rebaixamento e adoecimento, reposicionando-os num estado de ação. Assim, quando coletivos são capazes de articular os sentimentos de injustiça comuns e um projeto de seus interesses, têm-se as condições para impulsionar a luta por reconhecimento e construir uma grupo cooperativo onde existem suas condições, atenuando o sofrimento pelo desrespeito. Este estado último preliminar no horizonte consiste na concepção formal de vida boa denominada eticidade, onde as condições intersubjetivas para autorrelações humanas positivas, a saber, a autoconfiança proveniente do amor, o autorrespeito proveniente do direito e a autoestima proveniente da solidariedade, são atendidas (Honneth, 1949/2009).

Enfim, “de que maneira devem se constituir os pressupostos intersubjetivos da possibilitação da autorrealização se mostra sempre sob as condições históricas de um presente” (Honneth, 1949/2009, p. 275). Deste modo, buscaremos, aqui, compreender as circunstâncias sociais e históricas que atravessam as relações de reconhecimento no contexto da Moradia Estudantil UFSCar.

3. Justificativa

Diante do panorama apresentado, percebe-se a existência de uma série de questões relevantes. Primeiramente, é evidente que existem fatores circunstanciais na vida do indivíduo, os DSS, que incorrem fortemente em impactos sobre a saúde mental. Soma-se a esse cenário a posição ocupada pela juventude, enquanto período desenvolvimental marcado pelo estabelecimento de identidade e formação de laços, imerso em um contexto social de globalização, transições histórico-políticas, instabilidade e desigualdade sócio-econômica, na América Latina, que implica desafios e riscos específicos no desenrolar dessa fase vital. Ademais, no que tange à esfera acadêmica e profissional, a vida universitária também se

mostra produtora de sofrimento, na medida em que inclui experiências frequentes de dificuldades com a permanência estudantil, necessidade de associar estudo e emprego e condições inseguras de moradia, bem como em seu atravessamento pelo contexto econômico neoliberal que soma precarizações nas condições de vida. Tal panorama se mostra concreto nos altos índices de sofrimento emocional, que atingem 83,5% dos estudantes universitários (Fonaprace, 2018).

Frente a esse cenário, são estabelecidas propostas institucionais de enfrentamento pela Política de Saúde Mental UFSCar (2023). Dentre elas, a promoção e prevenção de saúde mental no espaço da universidade, baseada na busca pelo fortalecimento da pessoa em sofrimento e pela consideração das dimensões psicossociais e dos contextos produtores de adoecimento. Desse modo, é proposta a elaboração de projetos de cuidado bem como a produção de conhecimento e políticas voltados às especificidades das vivências de grupos vulnerabilizados, no que tange a saúde mental, que incluem não só demandas explícitas, como também “problemas que não são propriamente verbalizados, mas que são observados no cotidiano na universidade” (UFSCar, 2023, p. 15).

Nesse sentido, a Psicologia deve assumir um lugar de responsabilidade ético-política. Isso porque, conforme apontado por Martín-Baró, “o trabalho do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender” (Martín-Baró, 1997, p. 7). Assim, cabe à Psicologia, em sua natureza social e crítica, promover um fazer desideologizador, no sentido de que deve desmascarar o senso comum ao assumir a perspectiva dos povos oprimidos e desenvolver pesquisas sistemáticas sobre estas realidades a fim de utilizar de tal conhecimento de modo dialético e comprometido com os processos históricos e políticos de libertação popular (Martín-Baró, 2017).

Portanto, se mostra necessário atender a algumas lacunas teóricas e práticas. Primeiramente, destaca-se de forma geral a carência de estudos sobre a saúde mental no

contexto da moradia estudantil, visto que em consulta realizada no Portal Periódicos CAPES, no mês de janeiro de 2023, com os descritores “saúde mental”, “estudante universitário” e “moradia estudantil”, em quaisquer campos combinados, apenas 3 resultados foram encontrados. Porém, mais especificamente, se colocam como lacunas: o mapeamento da vulnerabilidade em saúde mental para o planejamento e desenvolvimento de ações de prevenção e promoção (Padovani et al., 2014); a análise dos processos estruturais da sociedade, bem como as particularidades institucionais sobre a produção de sofrimento (Albuquerque & Matos, 2020); a minimização das tensões geradas pelo ambiente acadêmico inserido no contexto neoliberal sobre a saúde mental, que quando potencializadas podem resultar no desenvolvimento de transtornos e até suicídio (Albuquerque & Matos, 2020).

Enfim, é evidente a urgente necessidade de se compreender o fenômeno do sofrimento psíquico no contexto da moradia estudantil e realizar ações de caráter interventivo em saúde mental. Dessa forma é possível orientar o desenvolvimento de políticas institucionais de promoção de saúde mental e minimizar o sofrimento do estudante em sua vivência, colocando a Psicologia em seu papel de saber-fazer desideologizador.

4. Objetivos

4.1. Objetivo geral

Investigar as dimensões e repercussões do sofrimento psíquico nos estudantes da Moradia UFSCar campus São Carlos.

4.2. Objetivos específicos

- (a) Compreender os determinantes psicossociais do sofrimento psíquico em estudantes universitários que vivem na Moradia estudantil do campus São Carlos da UFSCar.
- (b) Compreender os impactos desse sofrimento na trajetória de vida dos estudantes, em suas dimensões acadêmica, profissional, afetiva, de acessibilidade, entre outras

5. Método

5.1. Delineamento do estudo

O presente estudo possui caráter empírico e qualitativo-interpretativo, de forma que visa compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores nas dimensões de seus valores culturais, das relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais, bem como dos processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais (Minayo, 2014). Nesse sentido, toma como universo de investigação “o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam” (Minayo, 2014, p. 24), construindo dados a partir da realidade empírica da experiência subjetiva.

Também está situada no paradigma das teorias compreensivas. Isso porque visa privilegiar as propriedades de compreensão e inteligibilidade dos fenômenos sociais, carregados de significado e intencionalidade, de forma distinta àqueles das Ciências Naturais (Minayo, 2014).

Dentro da classificação mais ampla das pesquisas qualitativas compreensivas, o presente estudo atende ao conceito de Pesquisa Social em Saúde, definido por Maria Cecília de Souza Minayo (2014). Assim, entende-se a pesquisa enquanto atividade científica de indagação e construção da realidade, voltada para a compreensão do ser humano em sociedade, mais especificamente sobre o fenômeno saúde/doença. Nesse sentido, busca-se estabelecer uma investigação que considere a integralidade das dimensões humanas, incluindo suas relações, instituições, história e produção simbólica e se debruce sobre uma perspectiva sociológica de saúde que contempla as dimensões biológicas, estruturais, políticas e histórico-culturais que envolvem os serviços de saúde, seus profissionais e usuários (Minayo, 2014).

A hermenêutica-dialética também consiste em um marco metodológico adotado. Deste modo, tomando a ênfase hermenêutica, trata-se de um trabalho que toma a linguagem

como núcleo central de compreensão do ser humano em sua vida cotidiana, bem como uma categoria orientada contextualmente em um ponto temporal e espacial em uma cultura. Assim, entende-se que os consensos e estruturas culturais são mediadas pela linguagem e pretende-se lançar luz sobre os fatos e observações no contexto dos atores sociais, produzindo um relato dos fatos em que tais atores se sintam contemplados (Minayo, 2014). De forma complementar, tomando a ênfase dialética, entende-se a linguagem também como dimensão da contradição, sendo ela um vetor para construção de uma crítica pautada na materialidade das práticas sociais, valorizando os processos de construção dos consensos e contradições (Minayo, 2014).

Diante de tal delineamento, foi escolhida como abordagem metodológica a investigação-participante. Assentada nos princípios de “(a) um sujeito popular; (b) um projeto político encampado por uma frente popular; (c) o privilegiamento do espaço local como *locus* político e (d) o papel do investigador como ator político transformador” (Minayo, 2014, p. 162), trata-se de uma modalidade que considera a investigação social como potente veiculador de solução de problemas concretos e a partir da inclusão dos setores socialmente excluídos na produção de conhecimento sobre sua real significação social e política. Deste modo, orientada por uma visão emancipatória, é proposta a formulação de um quadro teórico acerca do problema, a partir da inter-relação de grupos com saberes diferenciados que executam participação ativa em todas as etapas do processo, de forma que todas as discussões sobre os dados sejam socializadas e se construam planos de enfrentamento conjuntos (Minayo, 2014).

5.2. Cenário da pesquisa

A Universidade Federal de São Carlos é uma instituição de ensino superior pública e federal brasileira no estado de São Paulo composta por 4 *campi*, Araras, Lagoa do Sino, Sorocaba e São Carlos, sendo este a sede da Universidade. A caracterização da instituição

enquanto universidade implica a operação de atividades de ensino, pesquisa e extensão de forma equilibrada, bem como a geração de subprodutos que configuram oportunidades complementares à assistência estudantil, como bolsas de pesquisa e extensão, por exemplo. De acordo com os dados disponíveis no Sistema de Apoio à Gestão Universitária Integrada (2025), a Universidade oferta 95 cursos de graduação para 14.481 alunos, alocados estes em: 1.172 no Centro de Ciências Humanas e Biológicas; 486 no Centro de Ciências e Tecnologias para a Sustentabilidade; 1.999 no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde; 4.666 no Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia; 1.012 no Centro de Ciências Agrárias; 1.178 no Centro de Ciências em Gestão e Tecnologia; 879 no Centro de Ciências da Natureza; e 3.089 no Centro de Educação e Ciências Humanas.

O *campus* São Carlos, local do presente estudo, possui 645 hectares de extensão e 196 mil m² de área construída, estando localizado a 235 km da capital do Estado de São Paulo, à beira da Rodovia Washington Luís, na entrada do município. A infraestrutura do *campus* inclui: 10 edifícios de aulas teóricas; mais de 300 laboratórios; uma Biblioteca Comunitária (BCo) aberta à comunidade UFSCar e à população de São Carlos; um Restaurante Universitário (RU); um parque esportivo diverso, incluindo ginásios, campo de futebol, quadras poliesportivas, quadras de tênis e vôlei de areia, pista de atletismo e piscinas; área preservada de Cerrado; e a Moradia Estudantil.

A Moradia Estudantil é um conjunto de edifícios residenciais voltados para estudantes que fazem parte do Programa de Assistência Estudantil (PAE) nos *campi* de São Carlos e Sorocaba. No *campus* São Carlos, está localizada na Área Sul e conta com 7 edifícios, os quais suportam as 574 vagas ofertadas para estudantes bolsistas na modalidade Bolsa Moradia em Vaga Interna. Entre as outras modalidades estão a Bolsa Moradia em Vaga Externa, em residências localizadas fora do campus e a Bolsa Moradia em Dinheiro, concedida quando esgotadas as vagas em moradia interna ou externa, bem como nos casos

excepcionais em que o convívio na Moradia Estudantil seja inviável. Regulada pela Resolução COACE Nº 50 (FUFSCar, 2021), a Bolsa Moradia é direcionada aos estudantes matriculados em cursos presenciais da UFSCar para obtenção do primeiro diploma de graduação, que comprovem situação de vulnerabilidade socioeconômica e que não residam no município de localização do campus onde estejam inseridos.

Destacam-se algumas esferas administrativas relacionadas à Assistência Estudantil, são elas: a Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE), a Pró Reitoria de Graduação (ProGrad) e a Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE). A ProACE é responsável pela promoção da permanência e qualidade de vida da comunidade UFSCar através de serviços de atenção à saúde, cuidado de saúde mental, assistência estudantil, educação infantil, esporte e lazer, articulando no *campus* São Carlos as seguintes esferas: Coordenadoria de Articulação em Saúde Mental (CASM); Departamento de Esportes (DeEsp); Departamento de Assistência Estudantil (DeAE); Departamento de Atenção à Saúde (DeAS); Unidade de Atendimento à Criança (UAC); Departamento de Pagamento de Bolsas (DePB); Seção de Moradias (SeM). Já a ProGrad consiste na esfera administrativa da graduação, operando no *campus* São Carlos equipes voltadas à administração, ao desenvolvimento pedagógico, ao acompanhamento acadêmico e pedagógico de estudantes, ao ingresso na graduação e à mobilidade acadêmica. Finalmente, a SAADE é o órgão responsável pelas políticas de ações afirmativas, diversidade e equidade na Universidade, operando mecanismos de acompanhamento dos procedimentos realizados em três coordenadorias: Gênero e Diversidade; Inclusão e Direitos Humanos; e Relações étnico-raciais.

5.3. Participantes

O universo da pesquisa consiste na Moradia Estudantil UFSCar *campus* São Carlos, a qual conta, atualmente, com 376 estudantes, delimitando o primeiro critério de inclusão: ser

morador deste universo. A totalidade desta população foi convidada a participar de uma primeira fase de construção de dados¹, referente ao rastreo sociodemográfico, de qualidade de vida e de marcadores gerais de saúde mental.

No entanto, apenas vinte e cinco (n=25) estudantes participaram da primeira etapa do estudo, caracterizados de acordo com a tabela de dados sociodemográficos dos participantes (Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes

Variáveis	f	%	N	Variáveis	f	%	N
Gênero			25	Idade			25
Mulher cis	9	36%		18-21	8	32%	
Homem cis	9	36%		22-25	9	36%	
Não-binário	2	8%		26-29	6	24%	
Prefiro não me identificar	5	20%		30+	2	8%	
Raça/Etnia			25	Naturalidade (Região)			25
Branca	9	36%		Sudeste	14	56%	
Indígena	8	32%		Norte	4	16%	
Parda	5	20%		Nordeste	4	16%	
Preta	3	12%		Centro-Oeste	3	12%	
Forma de ingresso na UFSCar			25	Ano de ingresso			25
ENEM/SISU	17	68%		2017-2020	9	36%	
Vestibular indígena	8	32%		2021-2024	16	64%	
Bolsas contempladas			25	Área do conhecimento			25
Bolsa moradia-vaga	25	100%		Ciências Humanas	13	52%	
Bolsas permanência	21	84%		Ciências Biológicas e da Saúde	7	28%	
Bolsas de pesquisa	3	12%		Ciências Exatas e Tecnologia	5	20%	
Bolsas de extensão	1	4%					

¹ Detalhada na seção 5.5.1. Produção de dados

Bolsa PIAPE	1	4%		
Exercício de atividade remunerada	25		Pais/Responsáveis contribuem na renda?	25
Não	19	76%	Não	13 52%
Sim	6	24%	Sim	12 48%

Em seguida, para a segunda fase da construção de dados², referente a condução de grupos focais, foram selecionados 11 participantes a partir dos seguintes critérios de inclusão: ter 18 anos ou mais, estar regularmente matriculado em algum curso de graduação ou pós-graduação da UFSCar, ter tempo mínimo de entrada na Moradia Estudantil de 6 meses; ter obtido escore médio-baixo no instrumento WHOQOL-bref de qualidade de vida; disponibilidade para participação; maior tempo de vivência na moradia. Tais critérios se mostram relevantes na medida em que a pesquisa objetiva investigar as relações entre a vivência na Moradia estudantil e o sofrimento psíquico. Desse modo, entende-se que é necessário um tempo mínimo de experiência nesse contexto, bem como a vivência de um sofrimento psíquico impactante para que se possa explorar essas relações.

5.4. Instrumentos

Para realização do estudo foram utilizados os seguintes instrumentos³:

(1) *Questionário socioeconômico* (Apêndice 1): objetiva recolher informações sobre condições socioeconômicas dos participantes;

(2) *WHOQOL-bref* (Anexo 1): instrumento de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde. A partir de uma perspectiva da subjetividade inserida num contexto sociocultural e ambiental, e elaborado de forma transcultural, o instrumento de 26 perguntas permite avaliar a qualidade de vida em 4 domínios: físico, psicológico, das relações sociais e meio ambiente (Kluthcovsky & Kluthcovsky, 2009). Dessa forma, é possível fornecer um

² Detalhada na seção 5.5.1. Produção de dados

³ Detalhamento de aplicação e análise na seção 4.5.

panorama geral da saúde mental e qualidade de vida de uma população em uma visão ampliada.

(3) *Roteiros de grupo focal* (elaborado pelo pesquisador): os roteiros visam orientar o manejo de grupo para levantamento de dados relevantes, bem como trabalhar as demandas levantadas pelos participantes, conferindo caráter de intervenção através do acolhimento.

5.5. Procedimentos

5.5.1. Produção de dados

Fase 1 – Recrutamento dos participantes. O convite de participação foi disponibilizado à totalidade do universo de pesquisa através de canais institucionais de comunicação da UFSCar, bem como redes sociais de amplo acesso da população-alvo, incluindo páginas do *Instagram* e grupos de *WhatsApp* voltados ao público da Moradia UFSCar. Assim, o convite para participação foi divulgado pela Seção de Moradia do Departamento de Assistência Estudantil da UFSCar, a pedido do pesquisador principal, via lista de transmissão oculta dos *e-mails* institucionais dos estudantes. No entanto, diante da pouca adesão a partir destas modalidades de divulgação, foram realizadas como estratégias de ampliação a colagem de cartazes em pontos estratégicos da Moradia, a panfletagem em todos os apartamentos e a condução de um “CineMoradia”, evento aberto organizado pelo pesquisador e divulgado de forma conjunta à panfletagem, que consistiu na exibição do documentário Edifício Master⁴ com distribuição de pipoca e refrigerante, a fim de inserir a temática da pesquisa de forma leve e despertar o interesse de participação.

Fase 2 – Formulário online: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) + Questionário sociodemográfico + WHOQOL-bref. A primeira etapa de participação na pesquisa foi o preenchimento de um formulário online, via *Google Forms*, contendo um questionário sociodemográfico para levantamento de dados de caracterização do

⁴ Dirigido por Eduardo Coutinho e lançado em 2002, o documentário apresenta entrevistas de 37 moradores de um edifício popular localizado em Copacabana (RJ), abordando a densidade e diversidade das experiências vividas dentro de uma mesma moradia.

conjunto de participantes, bem como o instrumento de qualidade de vida, WHOQOL-bref. Ambos os questionários foram condicionados à leitura e concordância com o TCLE (Apêndice 3).

Fase 3 - Grupos focais. A fim de atender aos objetivos específicos de compreender os determinantes e os impactos do sofrimento psíquico sobre a trajetória de vida dos estudantes da Moradia Estudantil, foi conduzida uma série de grupos focais. Essa técnica consiste numa espécie de entrevista em pequenos grupos homogêneos em vista da obtenção de informações e levantamento de consensos ou explicitação de divergências através da interação profunda entre participantes e foi orientada pelo referencial teórico dos grupos operativos (Pichon-Rivière, 1986). Tal recurso se mostra pertinente para explorar as opiniões informais abrangentes desenvolvidas em grupos sociais atravessados por contextos específicos (Minayo, 2014). Assim, a partir das respostas levantadas pela Fase 2, foram selecionados 11 participantes que atestaram um índice médio-baixo no instrumento WHOQOL-bref e tinham um tempo mínimo de 6 meses de vivência na Moradia Estudantil. Cada encontro teve duração aproximada de 1h30min e foi organizado de forma a trabalhar um disparador pertinente ao objetivo específico de cada sessão. Os grupos foram mediados pelo pesquisador principal e registrados por observadoras, cujo material coligido foi utilizado de base para a elaboração de um produto de cada sessão. Também foi realizada a gravação em áudio dos encontros, como registro complementar, mediante anuência dos participantes de forma a não prejudicar a espontaneidade do grupo. Foram realizados seis encontros com o grupo: 1º encontro – levantamento dos determinantes psicossociais de sofrimento psíquico no contexto da vivência na Moradia Estudantil; 2º encontro – levantamento dos impactos de tal sofrimento na trajetória de vida dos estudantes, em suas dimensões acadêmica, profissional, afetiva, de acessibilidade, entre outras; 3º encontro – validação do eixo construído referente aos desafios; 4º encontro – acolhimento em saúde mental; 5º encontro – validação e

fortalecimento do eixo de construído referente às estratégias de enfrentamento; 6º encontro: devolutiva e revisão do produto. Os grupos focais terão continuidade através de retomada dos aspectos levantados nos encontros anteriores, bem como do produto elaborado, a fim de garantir validade por conferência do material produzido pelos participantes.

5.5.2. Análise de dados

Os dados sociodemográficos foram analisados visando encontrar informações estatísticas descritivas simples do grupo participante.

Os dados quantitativos fornecidos pelo WHOQOL-bref foram analisados conforme as indicações do instrumento, em 6 passos: 1) Conferir se os 26 itens foram respondidos em uma escala de 1-5; 2) Inverter os valores das perguntas redigidas de forma negativa; 3) Determinar os escores parciais de cada domínio; 4) Excluir as respostas com mais de 20% das perguntas não respondidas; 5) Produzir o escore total, a partir da soma dos escores parciais.

Os dados construídos a partir dos grupos focais foram analisados a partir de uma intersecção entre a práxis guiadora hermenêutica-dialética e o procedimento técnico da Análise Temática, proposta por Minayo (2014). Nesse sentido, a lógica norteadora consistiu na busca da compreensão e da explicitação de sentidos e significados, percepção das alteridades através da expressão das vivências dos participantes, através de um processo crítico da realidade social, que consiste nos princípios gerais da hermenêutica-dialética: a compreensão e a crítica. Tal racionalidade pautou o processo instrumental de Análise Temática, que visou revelar os núcleos de sentido do objeto analítico que denotam as estruturas de valores relevantes presentes no discurso, a partir das seguintes etapas: (1) *Pré-Análise*: levantamento dos documentos para análise, que foram submetidos à uma fase inicial de leitura flutuante, à subsequente constituição de um corpus que atenda aos princípios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência dos dados, bem como a fase final de formulação e reformulação de hipóteses e objetivos interpretativos; (2)

Exploração do Material: etapa classificatória que inclui a categorização do texto em núcleos de sentido e a classificação/agregação dos dados em categorias temáticas analíticas. Está subdividida em uma etapa de análise vertical, de exploração em profundidade de cada sessão de construção de dados, subsequente de uma etapa de análise transversal, olhando para a totalidade dos dados coligidos; (3) *Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação*: que consiste em interpretar os resultados brutos através da inter-relação com o quadro teórico desenhado previamente.

5.6. Cuidados éticos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 78451224.4.0000.5504). Desse modo, a coleta e a análise dos dados seguiram os procedimentos éticos de respeito aos participantes segundo a Resolução No. 510/2016 - Normas Aplicáveis a Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

6. Resultados e Discussão

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa em dois momentos: um primeiro, referente à primeira etapa do procedimento, que inclui a aplicação dos instrumentos “Questionário sociodemográfico”, bem como o “WHOQOL-bref”; e um segundo referente à etapa seguinte, os grupos focais.

Esta segunda seção, dedicada aos grupos focais, será trabalhada em dois eixos de análise: um referente ao processo grupal e outro referente ao produto construído. O primeiro dará conta dos aspectos metodológicos empregados, narrando o desenrolar do processo de construção dos dados e discutindo as potencialidades e dificultadores dos procedimentos empregados. O seguinte terá como foco a apresentação dos núcleos de sentido resultantes do processo de Análise Temática orientada pela hermenêutica-dialética, bem como sua discussão em profundidade à luz da literatura, a fim de responder a pergunta de pesquisa: Quais os

determinantes psicossociais de sofrimento psíquico nos estudantes da Moradia Estudantil e os impactos desse sofrimento em suas trajetórias de vida?

6.1. Do levantamento sociodemográfico e de qualidade de vida

Vinte e cinco (n=25) estudantes participaram da primeira etapa do estudo, caracterizados de acordo com a tabela de dados sociodemográficos dos participantes (Tabela 1). Destacam-se: a prevalência de participantes da faixa etária de 18 a 25 anos (f=17); distribuição de participantes autodeclarados brancos (f=9), indígenas (f=8), pretos e pardos (f=8); distribuição equitativa de gênero entre mulheres cisgênero (f=9) e homens cisgênero (f=9); majoritariamente naturais da região Sudeste (f=14), mas também das regiões Norte (f=4), Nordeste (f=4) e Centro-Oeste (f=3); o predomínio de ingressantes na Universidade entre 2021 e 2024 (f=16); contemplados, para além da Bolsa Moradia-Vaga⁵ (f=25), por outras bolsas de permanência (f=21) (incluindo bolsas Alimentação⁶, Auxílio Alimentação Emergencial⁷ e Bolsa Permanência⁸), bolsas de pesquisa (f=3), bolsas de extensão (f=1) e Bolsa PIAPE⁹ (f=1); das áreas do conhecimento Ciências Humanas (f=13), Ciências Biológicas e da Saúde (f=7) e Ciências Exatas e Tecnologia (f=5); e o frequente exercício de atividade remunerada (f=6).

O questionário online abordou também a caracterização geral da vivência na Moradia Estudantil. Destaca-se a prevalência de participantes moradores dos blocos 7, 8 e 9 (f=20), a divisão dos apartamentos entre 7 a 9 estudantes (f=16), a ausência de familiares na Moradia (f=23), a prevalência de vínculos entre os moradores de cada unidade mensurados entre

⁵ Disponibilidade de vagas em apartamentos pertencentes ou alugados pela universidade

⁶ Acesso gratuito a todas as refeições servidas pelo Restaurante Universitário

⁷ Auxílio no valor de R\$ 160,00 mensais para colaborar com o custeio do café da manhã que não é servido pelo Restaurante Universitário

⁸ Valor de R\$ 1.400,00 mensais pago diretamente para estudantes indígenas e quilombolas matriculados em instituições federais de ensino superior

⁹ Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil, prevê bolsas de R\$ 300,00 mensais para que estudantes do Programa de Assistência Estudantil possam atuar, 12 horas semanais, em projetos que visem a promoção da saúde e o fortalecimento de vínculos com a universidade por meio de ações artísticas, culturais, esportivas, de lazer.

nenhum e razoável (f=15) e a experiência de ter mudado de apartamento dentro da Moradia (f=9) por motivos de problemas de convivência (f=5), de infraestrutura (f=3) e pessoais (f=2).

Tabela 2

Caracterização das condições de moradia dos participantes

Variáveis	f	%	Média (M)	N	Variáveis	f	%	Média (M)	N
Nº de pessoas no apartamento			6,6	25	Familiares na Moradia				25
3	2	8%			Não	23	92%		
4	1	4%			Sim	2	8%		
5	6	24%			Já mudou de apartamento?				25
7	5	20%			Não	16	64%		
8	9	36%			Sim	9	36%		
9	2	8%			Por problemas de convivência	5	20%		
Bloco que reside na Moradia				25	Por problemas de infraestrutura	3	12%		
Bloco 9	8	32%			Por problemas pessoais	2	4%		
Bloco 8	8	32%			Vínculo com as pessoas que moram junto com você?			2,2	25
Bloco 7	4	16%			0 (Não há)	4	16%		
Bloco 3	2	8%			1 (Pouco)	2	8%		
Bloco 4	1	4%			2 (Razoável)	9	36%		
Bloco 5	1	4%			3 (Bom)	5	20%		
Bloco 6	1	4%			4 (Forte)	5	20%		

Alguns apontamentos podem ser feitos a partir das informações sociodemográficas. Primeiramente que, apesar de o universo de pesquisa contar 376 estudantes e o questionário online ter sido divulgado extensivamente através de diversas modalidades de comunicação, apenas 25 responderam o formulário, o que pode indicar os impactos do cansaço e esgotamento como dificultadores do engajamento em atividades não obrigatórias e reflexivas sobre a condição de existência.

Sobre o perfil demográfico, mostrou-se razoavelmente equilibrado no que tange gênero, raça e naturalidade, mas com predomínio de estudantes das Ciências Humanas, de faixa etária jovem adulta, naturais da região Sudeste, que complementam suas condições financeiras com o recebimento de outras bolsas de permanência, pesquisa, extensão ou exercício de trabalho.

Alguns apontamentos relevantes também surgem a partir da caracterização da vivência na Moradia. Primeiramente, percebe-se uma grande concentração de participantes moradores dos blocos 7, 8 e 9, sendo estes os prédios que contam com melhor infraestrutura na Moradia como um todo, o que favorece a interpretação de que, mesmo dentro de um mesmo universo, quanto mais precarizadas as condições materiais de existência, menor a disposição para envolvimento em atividades reflexivas e coletivas. Além disso, percebe-se que, apesar de haver uma grande quantidade de moradores em proximidade física, seus vínculos não apresentam tamanho grau de intensidade, indicando mais um desafio no desenvolvimento de um senso de coletividade.

Em seguida, no mesmo questionário online, os participantes responderam o instrumento de qualidade de vida WHOQOL-bref. Uma vez que o número de respondentes não se aproxima da totalidade de moradores e possui um perfil delimitado, não é possível inferir sobre a qualidade de vida na Moradia Estudantil como um todo, no entanto os resultados gerais levantados (Tabela 3) permitem compreender o recorte realizado.

Tabela 3

Resultados gerais do WHOQOL-bref

Domínio	Média	DP	Coefficiente de variação	Valor Mínimo	Valor Máximo	Amplitude
Meio Ambiente	9,86	2,26	22,94	5,50	16,00	10,50
Psicológico	10,21	3,59	35,19	5,33	17,33	12,00
Físico	11,09	3,21	28,93	4,57	17,71	13,14
Relações Sociais	11,41	3,42	29,99	4,00	17,33	13,33
Auto-avaliação da QV	11,68	3,45	29,53	6,00	20,00	14,00

Total	10,59	2,63	24,83	5,69	16,00	10,31
-------	-------	------	-------	------	-------	-------

Os valores médios expressos acima estão contidos em uma escala de 4 a 20 e destacam-se um valor de QV total de 10,59, bem como a pontuação abaixo dessa média nos domínios Meio Ambiente (9,86) e Psicológico (10,21). Percebe-se, portanto, uma qualidade de vida geral média-baixa em que são especialmente prejudicadas: dimensão ambiental, que consiste em características de segurança, recursos financeiros, acesso à saúde e informação, lazer, conforto e transporte; e a dimensão psicológica, que inclui características como dificuldades emocionais, autoestima, sentido de vida, concentração e imagem corporal.

Também se mostram aspectos relevantes, a partir de uma análise detalhada do WHOQOL-bref (Tabela 4). Destacam-se as questões individuais de maior e menor média entre os participantes, sendo estas contidas em escala de 1 a 5. A pergunta “Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?” obteve menor resposta média entre os participantes, sendo esta 1,96 (insatisfeito), enquanto a pergunta “Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?” obteve a maior média do instrumento, pontuando 3,72 (muito frequentemente).

Tabela 4

Resultados detalhados do WHOQOL-bref

Domínio/Questões	Média	DP	Amplitude
Meio Ambiente	9,86	2,26	10,50
8. Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	2,72	1,06	4
9. Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	2,76	0,97	3
12. Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	2,08	0,91	3
13. Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	2,80	0,71	3
14. Em que medida você tem oportunidades de atividades de lazer?	2,56	1,00	3
23. Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	2,64	1,04	4

24. Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1,96	0,98	3
25. Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	2,20	1,12	4
Psicológico	10,21	3,59	12,00
5. O quanto você aproveita a vida?	2,72	1,14	4
6. Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	2,84	1,31	4
7. O quanto você consegue se concentrar?	2,44	0,77	3
11. Você é capaz de aceitar sua aparência física?	2,76	1,39	4
19. Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	2,28	1,28	4
26. Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	3,72	1,31	3
Físico	11,09	3,21	13,14
3. Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	2,48	1,19	3
4. O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	3,12	1,33	4
10. Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	2,64	1,08	4
15. Quão bem você é capaz de se locomover?	3,32	1,28	4
16. Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	2,48	1,29	4
17. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	2,40	1,19	4
18. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	2,16	1,11	3
Relações Sociais	11,41	3,42	13,33
20. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	2,84	1,03	4
21. Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	2,48	1,36	4
22. Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	3,24	1,23	4
Autoavaliação da Qualidade de Vida	11,68	3,45	14,00
1. Como você avaliaria sua qualidade de vida?	3,16	1,03	4
2. Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	2,68	0,90	3

Os dados levantados pelo WHOQOL-bref também permitem uma análise diferencial em função dos marcadores demográficos (Tabela 5). Percebe-se uma influência de gênero sobre a QV, a partir das médias decrescentes entre homens cisgênero (13,06), mulheres cisgênero (9,78) e pessoas não-binárias/preferiram não informar (8,46). Percebe-se uma discreta variação em função do marcador demográfico raça/etnia, de forma que a QV total variou de forma crescente entre os participantes brancos (9,76), negros (10,5) e indígenas

(11,62). Ademais, as seguintes informações relativas à vivência na Moradia também se mostraram pertinentes em relação à QV: o ano de ingresso, de forma que ingressantes após a pandemia de COVID-19 apresentaram menor QV (9,96) em comparação aos que ingressaram anteriormente (12,22); o bloco de residência, em que a QV apresentou discreta variação entre residentes dos blocos 3, 4, 5 e 6 (11,42) em comparação com aqueles que residem os blocos 7, 8 e 9 (10,38); e especialmente o vínculo entre os moradores do apartamento, de forma que a QV de participantes com vínculos razoáveis (11,15) e fortes (10,78) foram maiores em comparação aos com vínculos fracos (9,44).

Tabela 5

Análise diferencial do WHOQOL-bref

Variáveis	f	Total		Física		Psicológica		Relações sociais		Meio ambiente		Auto avaliação	
		M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Gênero													
Homens cisgênero	9	13,06 (>)	2,23	13,90 (>)	2,74	13,33 (>)	3,46	12,74 (>)	3,06	11,89 (>)	2,10	14,44 (>)	3,13
Mulheres cisgênero	9	9,78 (<)	1,43	9,84 (<)	2,15	8,96 (<)	2,58	12,30 (>)	3,25	9,06 (<)	1,04	11,11 (<)	2,85
Não-binário/ Prefiro não informar	7	8,46 (<)	1,70	9,06 (<)	2,43	7,81 (<)	1,75	8,57 (<)	2,65	8,29 (<)	1,75	8,86 (<)	1,57
Raça/Etnia													
Branca	9	9,76 (<)	2,62	10,29 (<)	3,19	9,11 (<)	3,56	10,37 (<)	3,87	9,17 (<)	2,19	11,33 (<)	2,62
Preta/Parda	8	10,50 (<)	2,62	10,71 (<)	2,86	10,75 (>)	4,36	10,83 (<)	3,06	9,69 (<)	1,98	11,75 (>)	3,62
Indígena	8	11,62 (>)	2,63	12,36 (>)	3,55	10,92 (>)	2,89	13,17 (>)	2,89	10,81 (>)	2,53	12,00 (>)	2,83
Ingresso na Moradia													
2018-2021	7	12,22 (>)	3,17	13,06 (>)	3,08	12,67 (>)	4,49	11,81 (>)	3,96	11,14 (>)	2,66	12,86 (>)	3,80
2022-2024	18	9,96 (<)	2,17	10,32 (<)	2,99	9,26 (<)	2,77	11,26 (<)	3,30	9,36 (<)	1,95	11,22 (<)	3,30

Bloco da Moradia													
3-6	5	11,42 (>)	3,40	12,23 (>)	4,29	10,67 (>)	3,43	13,60 (>)	2,89	10,50 (>)	3,45	11,20 (<)	3,35
7-9	20	10,38 (<)	2,46	10,80 (<)	2,95	10,10 (<)	3,71	10,87 (<)	3,39	9,70 (<)	1,96	11,80 (>)	3,55
Vínculo no apartamento													
Fraco (0-1)	6	9,44 (<)	2,99	10,67 (<)	3,77	8,78 (<)	3,64	10,22 (<)	4,35	8,08 (<)	1,96	11,33 (<)	3,93
Razoável (2)	9	11,15 (>)	2,15	11,11 (>)	2,76	10,74 (>)	3,55	11,85 (>)	3,49	10,89 (>)	1,64	12,44 (>)	3,43
Forte (3-4)	10	10,78 (>)	2,85	11,31 (>)	3,55	10,60 (>)	3,75	11,73 (>)	2,93	10,00 (>)	2,44	11,20 (<)	3,43

> Usado para indicar valores maiores que o resultado geral no WHOQOL-bref.

< Usado para indicar valores menores que o resultado geral no WHOQOL-bref.

A partir das informações sociodemográficas e de qualidade de vida apresentadas, é possível compreender a caracterização geral dos participantes da pesquisa. Dentre os 25 participantes da primeira etapa, considerando os critérios de inclusão de moradores com mais de 6 meses na Moradia Estudantil e escores médio-baixos no WHOQOL-bref, foram selecionados os 11 participantes para a etapa seguinte: os grupos focais.

6.2. Dos grupos focais

Prevista originalmente de determinada forma, a etapa grupal foi adaptada no decorrer da pesquisa, em função das exigências do campo vivo. A estrutura prevista para os grupos focais consistia na condução de um único grupo fechado, composto por 12 participantes e organizados em dois blocos de encontros: um primeiro de levantamento das questões prioritárias, composto por dois encontros, e um segundo de acolhimento e elaboração destas, composto por quatro encontros subsequentes, totalizando 6 encontros. No entanto, diante da incompatibilidade de horários entre todos os interessados, uma nova organização foi realizada. Foram estabelecidos dois grupos paralelos, seguindo a mesma estrutura e objetivos previamente definidos, contudo, alguns disparadores foram escolhidos de forma adaptada ao

público dos respectivos grupos. Os encontros foram realizados em sala reservada nas dependências da Universidade, garantindo condições de sigilo, conforto e infraestrutura necessárias.

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados da etapa grupal do estudo em dois eixos. Tal divisão se justifica na medida em que o grupo se expressa não apenas no conteúdo de seu discurso, mas na maneira que formula seus problemas (Pichon-Rivière, 1986), de forma que o primeiro eixo a seguir tem como função a exposição dos aspectos processuais da etapa, enquanto o segundo, do produto construído e a análise de seu conteúdo.

6.2.1. O processo grupal: O duplo papel - Pesquisa e Intervenção

Dois grupos fechados distintos foram conduzidos, de forma que particularidades emergiram em função de suas configurações. São eles:

Grupo das Quartas. Composto ao todo por 5 participantes, 1 coordenador (pesquisador principal) e 1 observadora, este grupo foi nomeado a partir do dia da semana em que seus encontros foram realizados. Conta com a particularidade de ter sido composto inteiramente por mulheres cisgênero, sendo elas:

- ❖ Helena: jovem adulta, branca, nascida no interior do estado de São Paulo, estudante na área de ciências biológicas, ingressante na universidade no ano de 2017 e na Moradia Estudantil no ano de 2023.
- ❖ Heloísa: jovem adulta, indígena, nascida no interior do estado de Pernambuco, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2021 e na Moradia Estudantil no ano de 2022.
- ❖ Wendy.: adulta, branca, nascida no interior do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2019 e na Moradia Estudantil no ano de 2021.

- ❖ Julia: adulta, indígena, nascida na região metropolitana no estado do Amazonas, estudante na área de ciências exatas, ingressante na universidade e na Moradia Estudantil no ano de 2022.
- ❖ Sofia: jovem adulta, preta, nascida na região metropolitana no estado de Mato Grosso, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade e na Moradia Estudantil no ano de 2022.
- ❖ Luna (observadora): jovem adulta, parda, nascida no interior do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2021 e não reside na Moradia Estudantil.

Grupo das Quintas. Composto ao todo por 6 participantes, 1 coordenador (pesquisador principal) e 1 observadora, o grupo também foi nomeado a partir do dia da semana em que os encontros foram realizados. Conta com a particularidade de ter sido composto quase inteiramente por homens cisgênero, sendo eles:

- ❖ Veigar: homem cisgênero, jovem adulto, pardo, nascido no litoral do estado do Ceará, estudante na área de ciências da saúde, ingressante na universidade e na Moradia Estudantil no ano de 2020.
- ❖ Kirito: homem cisgênero, jovem adulto, pardo, nascido na região metropolitana do estado do Mato Grosso do Sul, estudante na área de ciências exatas, ingressante na universidade no ano de 2021 e na Moradia Estudantil em 2022.
- ❖ Mateus: homem cisgênero, jovem adulto, branco, nascido no interior do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2021 e na Moradia Estudantil em 2022
- ❖ Tiffany: gênero não informado, jovem adulta, parda, nascida na região metropolitana do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade e na Moradia Estudantil no ano de 2022.

- ❖ Chico: homem cisgênero, adulto de meia-idade, pardo, nascido no interior do estado do Mato Grosso do Sul, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade e na Moradia Estudantil no ano de 2018.
- ❖ José: gênero não informado, adulto, branco, nascido na região metropolitana do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2017 e na Moradia Estudantil no ano de 2018.
- ❖ Alice (observadora): mulher cisgênero, jovem adulta, nascida no interior do estado de São Paulo, estudante na área de ciências humanas, ingressante na universidade no ano de 2021.

Apesar de distintos, ambos os grupos seguiram a mesma programação de encontros. Um primeiro bloco, composto pelos encontros 1 e 2, de caráter de levantamento, foi conduzido com o objetivo de identificar as questões prioritárias de existência e sofrimento dos participantes. Então, um segundo bloco, composto pelos encontros 3 a 5, foi conduzido com o objetivo de melhor elaborar os conteúdos e acolher as demandas levantadas. Enfim, um último encontro de devolutiva foi realizado para validação da configuração final da análise construída sobre os conteúdos levantados nos grupos.

Encontro 1 – Sofrimento psíquico: Determinantes e Enfrentamentos. O primeiro encontro dos grupos teve como objetivos a criação de vínculo e o levantamento das questões prioritárias relacionadas ao sofrimento psíquico no contexto da Moradia Estudantil. Este teve duração aproximada de duas horas e foi planejado em três momentos: acolhimento e integração dos participantes; execução da tarefa “painel de visualização móvel”; discussão da experiência realizada.

Durante o primeiro momento, foi apresentada a proposta de programação da sequência de encontros do grupo e o objetivo específico do atual, bem como conduzida uma roda de apresentação, a fim de os participantes se familiarizarem uns com os outros. Neste

momento foram utilizadas como perguntas disparadoras que compartilhassem seus nomes, idade, curso, ano de ingresso, cidade de origem e um “Divertidamente” que as representa (alegria, ansiedade, tristeza, raiva, nojo, medo, inveja, tédio, vergonha), sendo esta última escolhida a fim de introduzir sutilmente reflexões acerca da dimensão afetiva. Os participantes se apresentaram e foi possível perceber um predomínio das emoções “ansiedade” e “vergonha” entre eles.

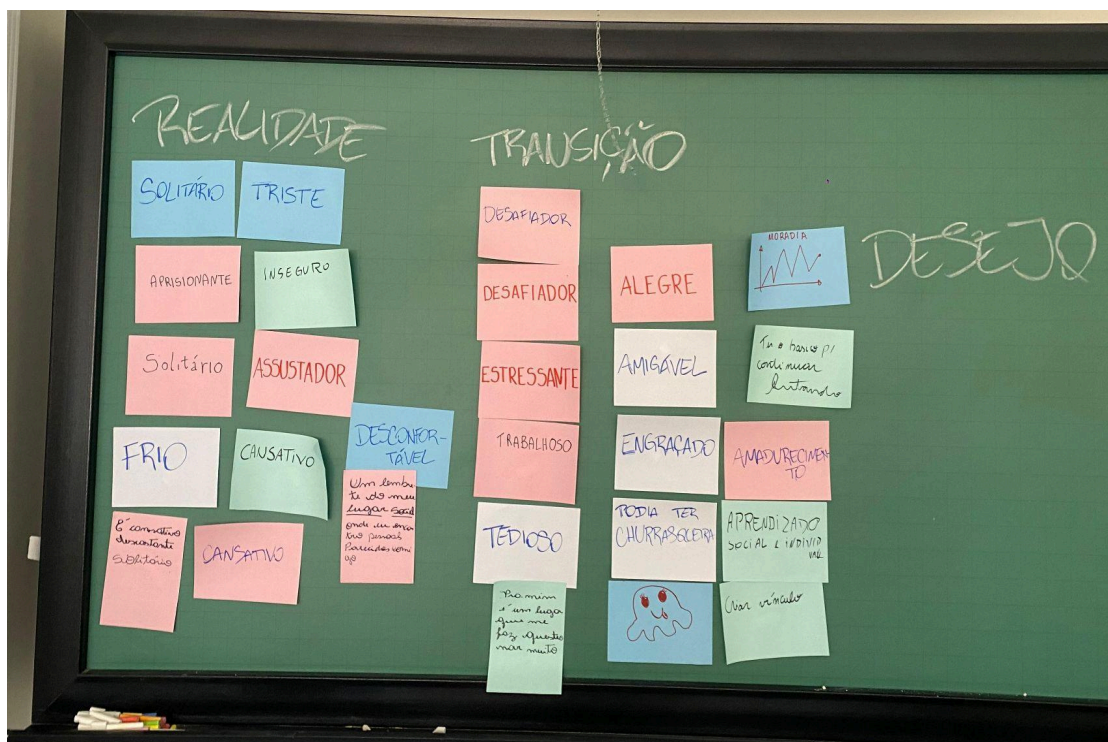
A fim de cumprir com o objetivo do encontro de levantar as questões prioritárias de sofrimento psíquico, foi proposta como tarefa a construção de um painel de visualização móvel. Como disparadora foi apresentada a frase “Viver na Moradia é...” e foram disponibilizadas tarjetas e canetas coloridas aos participantes, para que completassem a frase livremente de forma individual. Após um tempo suficiente para a execução desta etapa, foi solicitado que cada participante posicionasse aleatoriamente suas tarjetas na lousa da sala e comentasse os sentidos expressos nas palavras escolhidas. Em seguida, após o compartilhamento de cada participante individualmente, foi solicitado que, em conjunto, agrupassem as tarjetas por semelhança em núcleos de sentido e os nomeassem. A frase disparadora foi construída de forma intencionalmente geral, a fim de possibilitar livres associações com experiências vividas sem induzir positividade ou negatividade.

As discussões realizadas neste encontro resultaram na construção de um produto. O painel do Grupo das Quartas (Figura 1) resultou da discussão das participantes acerca de suas vivências ambivalentes, de grande dificuldade por um lado, mas de amadurecimento, por outro, partilhando suas experiências de insegurança, solidão, desconforto e cansaço, bem como de situações engraçadas, vínculos importantes e crescimento pessoal. Deste modo, agruparam suas tarjetas em três grupos, os quais nomearam “realidade”, “transição” e “desejo”, representando, respectivamente, os desafios e sofrimentos de suas vivências, os processos de fortalecimento que estes desencadearam e os aspectos positivos das vivências.

Assim, reconheceram que a experiência na Moradia Estudantil é complexa e contraditória, não limitada pelas dificuldades, ainda que estas sejam predominantes no cotidiano, especialmente as dimensões desafiadora, solitária e cansativa.

Figura 1

Produto do encontro 1: Grupo das Quartas



Nota. Tarjetas estão organizadas nos núcleos de sentido nomeados “**Realidade**” (solitário, triste, aprisionante, inseguro, solitário, assustador, frio, cansativo, desconfortável, “é cansativo desconfortável e solitário”, cansativo, “um lembrete do meu lugar social onde eu encontro pessoas parecidas comigo”), “**Transição**” (desafiador, desafiador, estressante, trabalhoso, tedioso, “pra mim é um lugar que me faz questionar muito”) e “**Desejo**” (alegre, amigável, engraçado, “podia ter churrasqueira”, “ter o básico para continuar lutando”, amadurecimento, “aprendizado social e individual”, criar vínculo, ilustração de gráfico com altos e baixos, ilustração de um fantasma sorridente).

Uma lógica similar norteou a construção do painel do Grupo das Quintas (Figura 2). Os participantes compartilharam experiências de grandes dificuldades relativas à convivência, à solidão, ao desamparo e ao desconforto, as quais agruparam sob o título “fragilidades”. Por outro lado, também destacaram sob o título de “potencialidades” as

grande família, uma experiência única, um aprendizado, viver para outro, exemplo de convivência, é compartilhar cultura, costumes, gastronomia; Legal, pois cresce individualmente :) ; Experiência: experiência por conhecer e experiência no amadurecimento; Dividir espaço, tirar dúvidas, configurar crescimento, formatar a vida, por o papo em dia; Potência de ser; O que me salva \$).

Encontro 2 – Trajetória de vida: Rupturas e Continuidades. O segundo encontro dos grupos teve como objetivo investigar a localização temporal das experiências de sofrimento e enfrentamento na trajetória de vida dos participantes, identificando o surgimento dessas questões na história pessoal deles e os impactos que tiveram sobre suas vidas.

Novamente, a tarefa foi a construção de um painel de visualização móvel, consistindo em um momento inicial de escrita individual em tarjetas, um posterior de partilha dos sentidos atribuídos ao conteúdo redigido e um último de disposição das tarjetas ao longo de uma linha do tempo dividida por um marcador temporal “chegada na UFSCar”. Desta vez, como disparadores da tarefa foram utilizadas fotos de diversas pichações espalhadas pelo campus da universidade (Figura 3), escolhidas intencionalmente pelo pesquisador por tratarem de temas relacionados à permanência estudantil e à experiência na Moradia. Tal escolha pelas pichações se assenta no caráter discursivo dialógico desse tipo de manifestação artística, que, conforme articulado por Junior et al. (2022), assume papel contestatório ao inter-relacionar aspectos sociais, culturais, políticos e ideológicos, bem como de resistência ao registrar enunciados de sujeitos silenciados, constituindo um legítimo fenômeno de manifestação social urbana cujos dizeres significam e refletem a realidade e pode ser tomado como base para reflexões que auxiliem na construção de interpretações das condições de vida.

Figura 3

Disparadores do encontro 2: Pichações

QUEM ESTUDA
QUER VIVER! †

PERMANÊNCIA
ESTUDANTIL
R\$560,00???



O NATAN
TÁ VIVÃO

MÃE, NUNCA MAIS VC VAI LAVAR OS BANHEIROS. DIA 10

QUEREMOS MORAR E ESTUDAR!
MORADIA DIGNA JÁ!
#MORADIA SEGURA UJR

POR QUE NÃO
FAZEMOS PARTE
DAS DECISÕES?

TERMINEI
O TCC!!

ALMÔNDEGAS
AO VINAGRETE!

POR QUE A MORADIA NÃO
TEM UM REGIMENTO?

QUANTAS TRAGÉDIAS
MAIS PRECISAM
ACONTECER NESTE
LUGAR PARA QUE
SEJAMOS TRATADOS
COM RESPEITO E
ATENÇÃO??

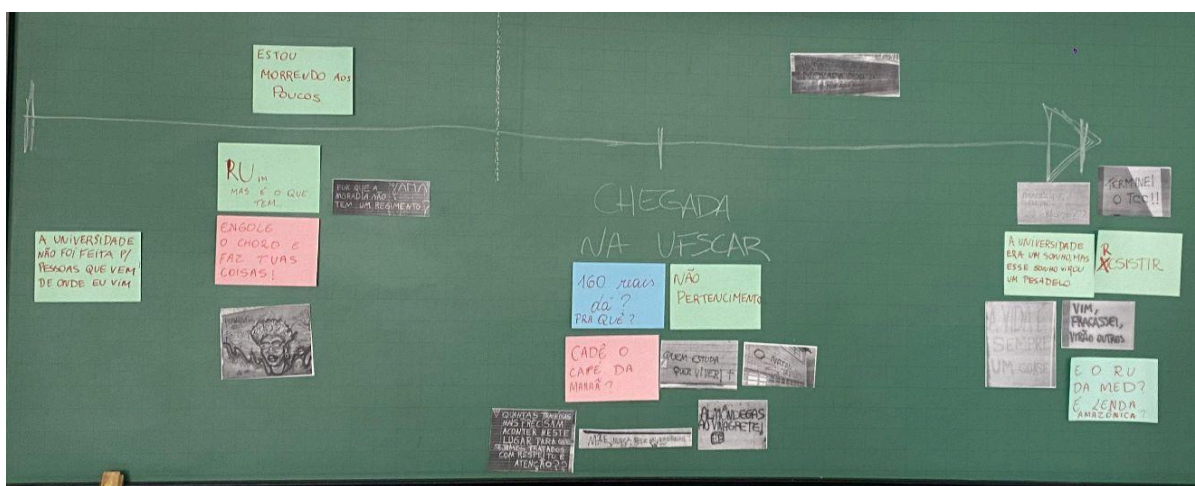
Nota. Pichações dizendo: “Quem estuda quer viver!”; “Permanência estudantil R\$560,00?”; “Permanência ou existência?”; “O Natan tá vivão”; “Mãe, nunca mais vc vai lavar os banheiros”; “Queremos morar e estudar! Moradia digna já! #MoradiaSegura”; “Por que não fazemos parte das decisões?”; “Terminei o TCC!”; “Almôndegas ao vinagrete!”; “Por que a moradia não tem um

regimento?” e “Quantas tragédias mais precisam acontecer neste lugar para que sejamos tratados com respeito e atenção?”.

A partir das tarjetas escritas, o Grupo das Quartas construiu seu produto do encontro: a linha do tempo (Figura 4). Na seção anterior à chegada na UFSCar foram posicionadas as tarjetas que representam a crença da universidade como um ambiente incompatível com suas realidades, as dificuldades de saúde física e mental, bem como a impossibilidade de sofrer diante do peso e da cobrança das responsabilidades que carregam. Em seguida, como questões localizadas temporalmente na chegada na UFSCar, estão representados o não pertencimento neste local, a indignação com a negação de direitos à permanência e o trauma do luto por suicídio vivido na Moradia. Finalmente, localizadas como visão de futuro estão representadas a resistência às adversidades da experiência universitária, a conquista do diploma, a esperança de melhores condições, mas a expectativa da repetição do sofrimento vivido pelos que virão.

Figura 4

Produto do encontro 2: Grupo das Quartas



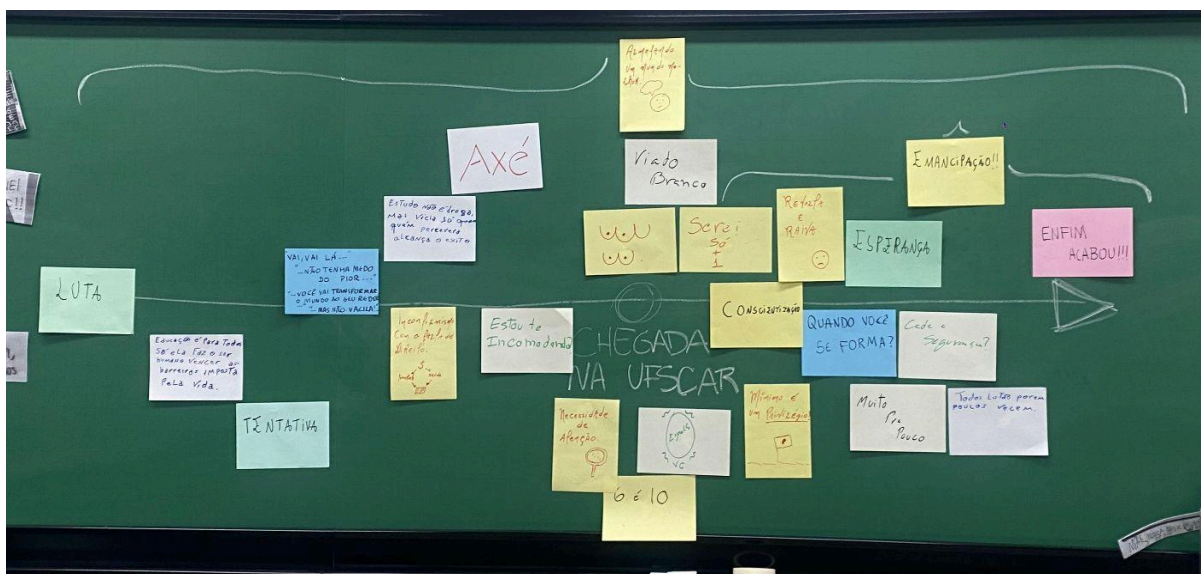
Nota. Tarjetas estão organizadas em uma linha do tempo com um marcador temporal “chegada na UFSCar” ao centro. Anteriores à chegada na UFSCar as tarjetas “A universidade não foi feita para pessoas que vem de onde eu vim”, “Estou morrendo aos poucos”, “RUim mas é o que tem...”, “Engole o choro e faz tuas coisas!” e o graffitti “permanência ou existência?”. No momento de chegada na UFSCar as tarjetas “169 reais dá? Pra quê?”, “Não pertencimento”, “Cadê o café da

manhã?”, e as pichações “Quem estuda quer viver!”, “O Natan tá vivão”, “Quantas tragédias mais precisam acontecer neste lugar para que sejamos tratados com respeito e atenção?”, “Mãe, nunca mais você vai lavar os banheiros” e “Almôndegas ao vinagrete!”. Posteriores à chegada na UFSCar estão as pichações “Queremos morar e estudar! Moradia digna e segura já!”, “Permanência estudantil R\$560?”, “Terminei o TCC!”, “A vida é sempre um quase”, “Vim, fracassei, virão outros” e as tarjetas “A universidade era um sonho, mas esse sonho virou um pesadelo”, “Resistir” e “E o RU da med? É lenda amazônica...”

De forma similar, o Grupo das Quintas construiu sua linha do tempo (Figura 5). Nela foram destacadas como experiências prévias à chegada na universidade a constante e cotidiana luta de enfrentamento de vulnerabilidades e a expectativa da educação formal como instrumento para emancipação. Na sequência, localizadas temporalmente com o ingresso na universidade, foram destacadas experiências de desesperança, discriminação, alta cobrança de desempenho e choque de classes. Em direção ao futuro, foram apontadas a esperança de emancipação através da graduação, a compreensão de que nem todos atingem tal destino, a indignação com condições materiais de existência nesse período e a expectativa de alívio com a conclusão desta etapa da vida.

Figura 5

Produto do encontro 2: Grupo das Quintas



Nota. Tarjetas estão organizadas em uma linha do tempo com um marcador temporal “chegada na UFSCar” ao centro. Anteriores à chegada na UFSCar as tarjetas: Luta; Educação é para todos, só ela faz o ser humano vencer barreiras impostas pela vida; Tentativa; “Vai, vai lá... Não tenha medo do pior... Você vai transformar o mundo ao seu redor... Mas não vacila!”; Estudo não é droga, mas vicia só quem persevera alcança o êxito; Inconformismo com a falta de dinheiro. Ao redor da chegada na UFSCar as tarjetas: Axé; Estou te incomodando?; Necessidade de atenção 🔍; Ilustração “três tetas”; Viado branco; Ilustração “espelho/você”; 6 é 10; Conscientização; Mínimo é um privilégio 🙌; Serei só + 1. A partir da chegada na UFSCar em diante, as tarjetas: Emancipação; Revolta e raiva :(; Quando você se forma?; Muito pra pouco; Cadê a segurança?; Todos lutam, porém poucos vencem; Esperança; Enfim acabou!!!”. Compreendendo toda a linha do tempo está a tarjeta “Almejando um mundo melhor”. Compreendendo todo o período a partir da chegada na UFSCar a tarjeta “Emancipação”.

Encontro 3 – Registro e validação dos desafios. O terceiro encontro do grupo marca o início do segundo bloco do processo grupal. Enquanto os primeiros encontros tiveram como objetivo o levantamento das questões prioritárias, este foi responsável por avançar na elaboração de seus conteúdos. Deste modo, uma pausa de duas semanas entre os encontros foi realizada, a fim de que o coordenador pudesse conduzir uma análise parcial do conteúdo levantado. Isso porque, a fim de atender os princípios da investigação-participante, o cuidado metodológico de conduzir uma análise em ato, simultânea ao desenrolar dos grupos, permitiu a validação dos resultados construídos e a co-produção do conhecimento científico com protagonismo daqueles que de fato vivenciam cotidianamente o problema aqui estudado: os participantes.

Nesse sentido, a partir dos conteúdos construídos por cada grupo, duas respectivas análises temáticas parciais foram construídas pelo coordenador para apresentação neste encontro. Estas foram elaboradas em dois eixos, um primeiro de desafios, que compilou as dificuldades enfrentadas pelas participantes, e um outro de enfrentamentos, que agrupou as estratégias utilizadas por elas para resistir. A intenção foi construir um panorama completo para denúncia das dimensões de sofrimento, bem como destrinchar e expandir um horizonte de estratégias de enfrentamento, visando fortalecê-las.

Pensando nisso, o presente encontro teve como tarefa a validação e construção do registro do eixo dos desafios. Deste modo, a figura elaborada com categorias agrupadas em núcleos de sentido foi apresentada e discutida na íntegra, a fim de que os participantes avaliassem a adequação das categorias analíticas construídas e pudessem alterá-las e complementá-las a partir da discussão em grupo.

A partir deste encontro foi possível enriquecer a análise parcial, aproximando-a da configuração final da síntese dos resultados, que será apresentada e discutida posteriormente¹⁰.

Encontro 4 – Acolhimento em saúde mental. Uma vez que os conteúdos levantados nesta investigação são de natureza sensível e requerem manejo para acolhimento e elaboração, o presente encontro teve como objetivo a condução de um grupo de caráter terapêutico. Este tem como especificidade a tarefa explícita de promover entre os participantes “a revelação honesta de si mesmos, a descrição de experiências significativas e a elaboração de interpretações que tornem compreensíveis as respostas neuróticas” (Pichon-Rivière, 1986, p. 85). Nesse sentido, cabe ao coordenador a facilitação da redução das ansiedades básicas, do processo de reflexão e da construção de significados que afastem os participantes de uma posição adoecida frontal diante de seu sofrimento, em direção à adaptação ativa à realidade.

O presente encontro foi planejado de forma particular para cada grupo. Isso porque, em função das especificidades de cada configuração grupal, diferentes disparadores foram escolhidos pelo coordenador para melhor se aproximarem e dialogarem com o perfil de seus participantes, ainda que compartilhem o mesmo objetivo: favorecer o processo de reflexão e elaboração das experiências de sofrimento psíquico. Assim, como disparador do Grupo das Quartas foi utilizado um trecho do filme *Barbie* (Gerwig, 2023), onde a protagonista reflete

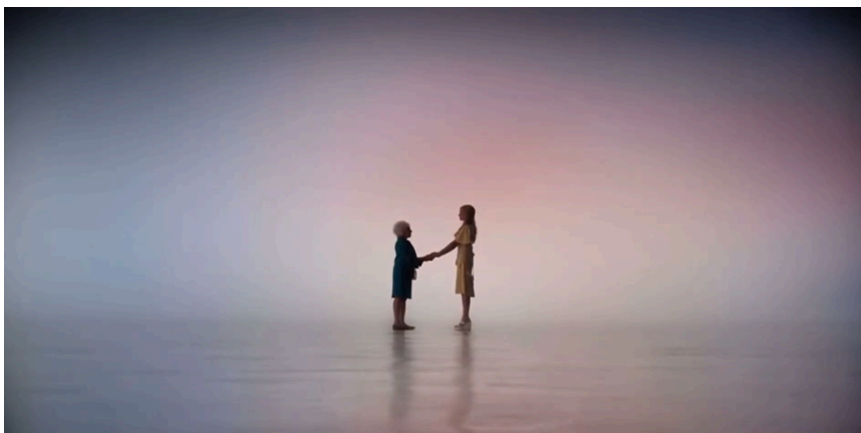
¹⁰ Seção 6.2.2. O produto grupal: A dialética entre desafios e estratégias de enfrentamento

sobre a condição existencial universal de tornar-se humana e seus atravessamentos com a experiência feminina (Figura 6), acompanhada da trilha sonora *What was I made for?* (Eilish & O'Connell, 2023):

I used to float, now I just fall down. I used to know, but I'm not sure now what I was made for. What was I made for? (...) 'Cause I... I... I don't know how to feel, but I wanna try. And someday I might, someday I might... [Eu costumava flutuar, agora só caio. Eu costumava saber, mas não tenho mais certeza. Para que eu fui feita. Para que eu fui feita? (...) Porque eu... eu... não sei como me sentir. Mas eu quero tentar. E algum dia talvez eu saiba, talvez um dia eu consiga...]

Figura 6

Disparador do encontro 4: Grupo das Quartas



Já no Grupo das Quintas, foi escolhido como disparador a crônica que chama atenção à realidade ao retratar o esvaziamento existencial causado pelo sofrimento cotidiano, “Eu sei, mas não devia” de Marina Colasanti (1996), declamada pelo dramaturgo Antônio Abujamra em gravação para o programa *Provocações* da TV Cultura, no ano de 2005 (Figura 7):

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não deveria ... A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e não ter outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem outra vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E

porque não olha pra fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude. (...) A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. (...) A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que de tanto acostumar, se perde de si mesma.

Figura 7

Disparador do encontro 4: Grupo das Quintas



Após a apresentação dos disparadores e a discussão sobre os afetos suscitados por eles, foi apresentada a consigna norteadora do encontro: “Narre a sua história na UFSCar, destacando as questões prioritárias de existência”. Tal consigna foi construída a fim de romper com o modo de ser automático e executivo do cotidiano, bem como de instigar a tomada de consciência acerca da própria história de vida através do resgate e construção de uma narrativa pessoal, além de favorecer o processo de identificação e afiliação entre os participantes ao reconhecer-se na história do outro. Em ambos os grupos os afetos e discursos

estimulados pelos disparadores diziam respeito à condição existencial humana e o desafio de manter agência sobre a própria vida diante da anestesia causada pelo sofrimento cotidiano.

A partir disso, as narrativas partilhadas no Grupo das Quartas tomaram uma direção particular. As participantes abordaram diferentes experiências de vida, mas espontaneamente se concentraram em temas acerca de relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais, suas dificuldades específicas no contexto da Moradia e os atravessamentos de gênero que ainda afetam a experiência feminina. Tais temas incluíram: questões relativas à saúde sexual e dignidade menstrual; a falta de privacidade no ambiente de moradia compartilhada; a misoginia ainda vigente nos julgamentos sobre mulheres por suas vidas sexuais; a necessidade de afeto que favorece a dependência emocional e a aceitação de relacionamentos desagradáveis. Foi possível observar considerável fortalecimento de vínculo no grupo a partir do encontro, de forma que as participantes demonstraram experienciar a construção de uma rede de mulheres como uma importante forma de suporte mútuo diante de vivências compartilhadas.

Uma dinâmica distinta se desenrolou no Grupo das Quintas. Nele, predominaram as particularidades de cada narrativa, abordando experiências de crises em saúde mental, ansiedade social, dificuldades de adaptação ao ambiente universitário e a conseqüente sensação de não pertencimento, sobrecarga diante das cobranças acadêmicas excessivas somadas às outras responsabilidades. Percebe-se uma menor vinculação desenvolvida, em relação ao Grupo das Quartas, onde a experiência feminina compartilhada se mostrou um forte fator de identificação.

Encontro 5 – Fortalecimento das estratégias de enfrentamento e Encerramento do grupo. De forma complementar à tarefa realizada no Encontro 3, “Registro e validação dos desafios”, o quinto encontro teve como objetivo a apresentação do segundo eixo de análise temática parcial, relativo às estratégias de enfrentamento. Aqui, foram compilados os

recursos apontados pelos participantes como suporte em suas experiências, resultando em um quadro reduzido em comparação a quantidade de desafios apontados. Desse modo, a tarefa do encontro foi a validação e construção conjunta do eixo dos enfrentamentos, de forma a fortalecer aqueles que estão ao alcance dos estudantes e identificar as necessidades a serem reivindicadas a outras esferas responsáveis. Sendo este, essencialmente, o último encontro do grupo, com exceção à etapa de devolutiva, também teve como objetivo realizar um fechamento do processo realizado, refletindo sobre a experiência de participação na pesquisa. A oportunidade também foi aproveitada para a realização de uma confraternização, de forma que cada membro do grupo contribuiu com uma refeição coletiva.

Alguns ganhos foram possíveis com o encontro. Primeiramente, foi possível expandir o quadro de recursos da análise parcial, de forma a construir uma compilação de estratégias e canais existentes para mitigação dos desafios vivenciados, aproximando a análise de sua configuração final, que será detalhada posteriormente¹¹. Ademais, o engajamento coletivo na construção de um projeto se mostrou uma estratégia por si só capaz de iniciar um processo de enfrentamento, na medida em que favoreceu a reflexão e a idealização de condições possíveis mais favoráveis e como construí-las. Processo este articulado por Honneth (1949/2009) como a operação de uma idealização especial que atua como força motriz da transformação social: a antecipação e de uma coletividade possível, mesmo que dirigida à posteridade, onde as pretensões atuais podem existir.

Encontro 6 – Devolutiva e revisão dos núcleos de sentido. Algumas semanas após o encontro de encerramento, finalizada a elaboração da versão final dos núcleos de sentido elaborados em cada grupo bem como uma síntese do conteúdo de ambos os grupos, um último encontro foi realizado com o objetivo de apresentar e validar o produto construído a

¹¹ Seção 6.2.2. O produto grupal: A dialética entre desafios e estratégias de enfrentamento

partir dos grupos. Este produto, síntese do conteúdo levantado, será discutido na íntegra a seguir.

6.2.2. O produto grupal: A dialética entre desafios e estratégias de enfrentamento

Os resultados dos dados construídos a partir dos grupos focais estão expressos no quadro síntese da análise temática realizada (Figura 8), que serão apresentados em detalhe e discutidos à luz do referencial teórico do estudo a seguir.

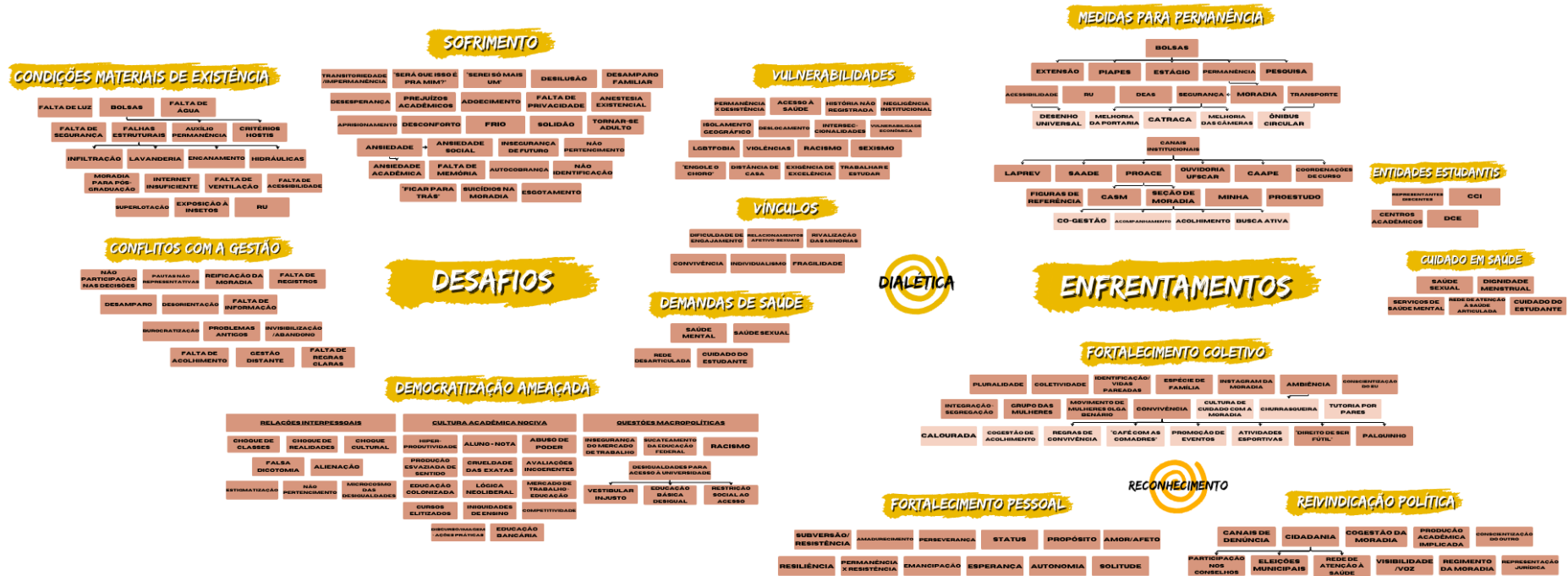
Primeiramente, algumas considerações devem ser feitas a respeito da lógica que orientou a construção do quadro. As transcrições das gravações e os produtos de cada encontro foram submetidos às etapas de análise explicitadas anteriormente¹², de forma que os discursos dos participantes foram categorizados pelo pesquisador em função dos sentidos expressados por eles, resultando em cada código representado na figura por cada “tijolo” marrom. Em seguida, núcleos de sentido foram construídos e nomeados a partir do agrupamento por semelhança temática, representados na figura por cada conjunto de tijolos dispostos sob um título destacado na cor amarela.

Diante disso, a lógica que emergiu desse processo de análise foi a organização de dois grandes eixos temáticos: “Desafios” e “Enfrentamentos”. Aquele consiste no conjunto das diferentes dimensões das dificuldades vivenciadas, enquanto este, o conjunto das estratégias existentes e possíveis para resistir. Tais eixos são articulados por uma espiral intitulada “Dialética”, que representa a experiência simultânea dos estudantes dessas duas realidades contraditórias, de forma que não se resume às vulnerabilidades vividas, mas carrega a potencialidade de sua resistência, de forma que há códigos posicionados tanto nos eixos dos desafios como nos enfrentamentos, por tal contradição, conforme expressado por “Tiffany”, para quem “isso acontece tudo ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que é caótico, me salva, é

¹² Seção 5.5.2. Análise de dados

Figura 8

Síntese da Análise Temática



Nota. A figura pode ser acessada em alta resolução no [link](#).

confortável. Às vezes me faz permanecer, me faz encontrar pessoas que às vezes eu gosto, às vezes não. Acho que é muito dialético”.

Este processo de análise foi realizado e validado separadamente para cada grupo, mas sintetizado em um único produto final.

Ademais, destacam-se aspectos da estética e semiótica do quadro, importantes para sua interpretação. A opção por dispor as categorias temáticas enquanto tijolos foi feita a fim de remeter a estrutura física da Moradia Estudantil, bem como ao intrincamento e materialidade das diversas questões que compõem o quadro geral e complexo da experiência vivida pelos estudantes. Além disso, a disposição dos grupos temáticos privilegiou a aproximação entre questões relacionadas entre si. Por fim, destaca-se o modo como o eixo dos desafios se configura como uma seta orientada para baixo, simbolizando a experiências responsáveis pelo abatimento dos sujeitos, unida pela espiral ao eixo dos enfrentamentos, configurado como uma seta orientada para cima, representando as estratégias de resistência.

Assim, justifica-se a apresentação da figura síntese completa acima, que, para viabilizar a análise, será apresentada e discutida em partes. Inicialmente, será discutido o eixo dos desafios, seguido do eixo de enfrentamentos e, enfim, ambos serão articulados de forma a explicitar suas correspondências.

Desafios: Dimensões do sofrimento ético-político.

O eixo analítico dos desafios é composto por sete núcleos de sentido que reúnem diferentes dimensões da experiência de sofrimento ético-político decorrentes de experiências de desrespeito ao reconhecimento, nomeados: (a) Condições materiais de existência; (b) Vulnerabilidades; (c) Democratização ameaçada; (d) Conflitos com a gestão; (e) Demandas de saúde; (f) Vínculos; (g) Sofrimento.

(a) Condições materiais de existência. Esta categoria foi nomeada a partir da noção desenvolvida na obra de Marx e Engels a respeito das bases materiais sob a qual o ser social

se constitui, ou seja, os elementos concretos da vida material que possibilitam a produção dos sujeitos e suas relações (Santos, 2024). Assim, aqui estão reunidas as falhas relativas à infraestrutura concreta da Moradia Estudantil bem como outras condições materiais da permanência estudantil (Figura 9).

Figura 9

Núcleo de sentido: Condições materiais de existência



Assim, no que tange à infraestrutura dos prédios da Moradia, foi apontada a falta de condições apropriadas de luz, água, ventilação, Internet, acessibilidade, proteção contra insetos e falhas estruturais, as quais muitas vezes “não tem como resolver, porque para resolver o problema de encanamento tem que mexer no prédio inteiro e todo mundo parar de usar o banheiro, o que nunca vai acontecer”, conforme apontado por “Sofia”. Além disso, a falta da segurança no ambiente da Moradia foi apontada como uma questão prioritária, na medida em que, conforme “Wendy”, “qualquer pessoa que quiser entra lá e ainda fica no centrinho” e não há controle adequado de acesso, tornando o espaço vulnerável a roubos e violências. Outra questão levantada foi a incompatibilidade entre a quantidade de moradores e o espaço físico adequado, visto que a maioria dos participantes reside com 5-8 moradores na ausência da infraestrutura suficiente.

Ademais, no que tange a outros aspectos materiais das políticas de permanência estudantil, a insuficiência dos valores e ofertas das bolsas de permanência, de forma que os

critérios para pleiteá-las podem se tornar hostis, gerando relações de competitividade. Soma-se a isso ocasiões de baixa qualidade das refeições no Restaurante Universitário e a demanda por ampliação do direito à bolsa moradia para os estudantes em vulnerabilidade socioeconômica da pós-graduação, visto que a esta é restrita à graduação.

(b) Vulnerabilidades. A presente categoria temática foi nomeada a partir do conceito impulsionado por Ayres e colaboradores (2003) acerca da vulnerabilidade no contexto da saúde. Trata-se de um construto com a finalidade de superar as noções individualizantes de risco epidemiológico em vistas à compreensão do adoecimento em seus atravessamentos coletivos e contextuais que amplificam sua suscetibilidade do padecimento, bem como impactam a disponibilidade de recursos de cuidado. Assim, destacam-se os elementos associados aos processos de adoecimento em suas dimensões: (a) Individual, no que tange às capacidades, interesse e possibilidades dos sujeitos de se apropriarem de informações e preocupações, transformando-as em práticas protetoras e protegidas; (b) Social, no que diz respeito ao acesso a recursos materiais, meios de comunicação e educação, poder político e possibilidade de enfrentar limites culturalmente estabelecidos; (c) Programático, no que concerne à oferta institucional efetiva e democrática dos recursos que os indivíduos necessitam. Enfim, trata-se de um conceito que se alinha ao referencial teórico do presente estudo ao reconhecer o caráter intersubjetivo da vida material e psíquica dos sujeitos e visa recusar interpretações parciais, individualistas, fatalistas e estigmatizantes do fenômeno saúde-doença, visando reconhecer a vulnerabilidade enquanto fenômeno multidimensional, gradativo e mutável sem incorrer na discriminação negativa dos grupos afetados tanto pelo estigma, quanto pela vitimização.

Deste modo, estão reunidos, aqui, os fatores individuais, sociais e programáticos que potencializaram os desafios e o sofrimento psíquico na experiência dos participantes e dificultaram seu enfrentamento, no contexto da Moradia Estudantil.

Figura 10

Núcleo de sentido: Vulnerabilidades



A dificuldade aumentada atravessa os sentidos agrupados nesta categoria, de forma que cada experiência de vulnerabilidade deposita uma nova camada de desafios a serem experienciados e enfrentados, de forma que “tudo é muito mais trabalhoso do que o normal” (“Helena”), e “é tudo mais insano, muito mais complexo e isso te desgaste emocionalmente” (“Sofia”). Há um atravessamento econômico muito relevante, que se expressa na inexistência de estabilidade financeira, visto que “qualquer grana que vier a gente tem que gastar com o básico coisas do dia a dia e a gente acaba nem conseguindo fazer uma poupança” (“Wendy”), além da impossibilidade de dedicação integral às graduações que a exigem, em função da necessidade de trabalhar para subsistência. Ainda num nível econômico, numa sociedade do capital, o acesso a recursos financeiros torna-se determinante para condições básicas de vida e, conforme apontado por “Kirito”, se “eu não tenho dinheiro, eu não tenho saúde e se eu não tenho saúde, eu não tenho condições para estudar, porque eu vou ter que estar concentrado em outras coisas” como “se eu vou conseguir fazer mercado essa semana” (“Tiffany”). Ademais, foram identificados impactos subjetivos sobre a identidade em função das experiências de vulnerabilidade econômica, de forma que a Moradia foi descrita por “Sofia” como um ambiente

que me lembra muito onde é o meu lugar, [porque] sempre que eu entro lá eu sei o quanto que eu sou pobre, o quanto que eu sou fodida e essa é a minha condição, que eu tento me virar como dá, mas o que dá é muito pouco.

Também foram destacadas experiências desafiadoras em relação ao isolamento geográfico de residir na Universidade e seus atravessamentos com o acesso à saúde e impactos financeiros. Isso porque, diante da distância entre a Moradia e os serviços de saúde, os estudantes “têm que andar alguns quilômetros” (“Wendy”) ou “gastar pra caramba com Uber para ir lá no limite da cidade” (“Julia”). Percebe-se a influência do território sobre as condições de existência dos sujeitos, conforme apontado por Sawaia (2017).

No que tange ao isolamento, a distância de casa, especialmente daqueles que vêm de outros estados e “larga tudo, família, cultura, trabalho, outra faculdade, larga tudo para vir para cá” (“Julia”), foi apontada. Esta dificuldade se expressa tanto na dificuldade em visitar as cidades de origem, quanto no “choque de realidade” de “quando chega o final de semana e o pessoal ‘tá’ de mala indo embora e você pensa ‘nossa eu queria tanto ir para minha casa’, mas a minha casa é aqui agora” (“Heloisa”).

Soma-se a esse quadro o sofrimento de violências discriminatórias no ambiente universitário. Episódios de racismo, sexismo, LGBTfobia e suas interseccionalidades foram relatados tanto na Moradia quanto em sala de aula, entre estudantes e também por parte de docentes, de forma a intensificar o sofrimento e o não pertencimento à universidade.

Ademais, percebe-se um nível programático de vulnerabilidades vividas pelos participantes. Este foi apontado na insuficiência das condições ofertadas pela instituição em relação às informações e aos registros tanto administrativos, quanto da ausência de uma história documentada da Moradia e suas construções coletivas passadas. Por exemplo, a falta de um documento oficial, um regimento da Moradia, foi apontada como um recurso atualmente ausente, mas que já existiu no passado e foi perdido.

Este somatório de vulnerabilidades é compreendido pelos estudantes como um conjunto de fatores que tornam suas experiências e dificuldades distintas e incomparáveis com as de seus colegas que não vivem a mesma realidade, ainda que compartilham a mesma instituição de ensino. Na percepção de “Tiffany”, “tem pessoas que parecem que estão aqui pra pegar o diploma, só pegar assim; e tem outras pessoas, que estão inseridas em grupos minoritários, que são pobres, a gente tá aqui pra conquistar o diploma; acho que é muito mais uma luta”. Desse modo, a experiência acadêmica dos participantes exige “o triplo do que as pessoas que se dão muito bem no curso” (“Julia”), visto que somam-se às “as dificuldades das disciplinas todos os tipos de dificuldades”, resultando em uma vivência “totalmente drenadora de energia” (“Wendy”) e em comparações injustas com os colegas que não as vivenciam, de forma que “se tivessem só esses [problemas da graduação], nossa, eu já tava no doutorado; mas não é bem assim” (“José”). Apesar desse sofrimento, muitos não se permitem sequer vivê-lo em função das responsabilidades urgentes e constantes, conforme apontado por “Julia”, “por isso que eu escrevi ali ‘engole o choro e faz suas coisas’, porque é isso que acontece, você não tem nem tempo para ficar chorando; ninguém vai ficar passando a mão na sua cabeça, ‘tadinha’”.

(c) Democratização ameaçada. Esta categoria temática foi organizada em três subtemas distintos, porém relacionados, a partir do agrupamento das experiências vividas pelos participantes no contexto do desmonte das políticas sociais, especificamente do ensino superior e da permanência estudantil (Figura 11). Assim, os sentidos aqui agrupados referem-se à vivência da dialética exclusão/inclusão na Universidade, possibilitada pela democratização do acesso, mas cuja plenitude é ameaçada pela fratura entre uma instituição historicamente construída para determinada parcela da sociedade e uma instituição em processo de pretendida inclusão, fragilizado pelo contexto das políticas econômicas neoliberais, sentido por “Wendy” de forma que “a UFSCar é feita para um tipo de grupo

social, o resto que entra aqui, que não faz parte desse grupo social, a gente sofre do pão que o diabo amassou e a Moradia principalmente”.

Figura 11

Núcleo de sentido: Democratização ameaçada



No primeiro subtema, “relações interpessoais”, estão representadas as experiências relacionais entre os diferentes grupos sociais que ocupam o ambiente universitário, incluindo estudantes bolsistas, não bolsistas, professores e servidores. Foi destacado o “choque muito grande” (“Heloisa”) decorrente do encontro entre estudantes de diferentes classes, realidades e culturas, em função de sua acentuada heterogeneidade, que, por vezes torna-se um microcosmo das desigualdades sociais, gerando o sentimento de não pertencimento e pensamentos como “porra, o que eu ‘tô’ fazendo aqui com esse pessoal de realidades completamente diferentes assim?” (“Sofia”).

Decorrente da ausência de senso crítico que poderia potencializar o valor positivo deste encontro, foi destacada a falsa dicotomia, ou seja, o estabelecimento de uma falsa equivalência entre os estudantes, como se fossem uma categoria homogênea, especialmente por parte de docentes e as cobranças que impõem ao “olhar a gente como iguais ao resto dos estudantes que tiveram condições mínimas de estar aqui, porque dentro da sala de aula a gente é tratado como igual” (“Wendy”). Esta situação foi exemplificada pela experiência de “Julia” que, em função da necessidade de trabalhar para “se manter”, teve que “dar meus pulos e trabalhei de madrugada até 4 [horas] da manhã em bares e restaurantes, e às 7 [horas]

eu tinha que ir para aula” e foi penalizada por seu professor por não ter entregado uma atividade. Tal falsa dicotomia também se expressa na diferença dos julgamentos atribuídos entre estudantes bolsistas e não-bolsistas por ir à festas e consumir álcool, de forma que “essas coisas da vida humana da vida social de uma universitária” são consideradas “tudo bem, é só eles extravasando porque o semestre é pesado, mas se a gente for universitário a gente é penalizado”. Na prática, a negação do reconhecimento jurídico e o autorrespeito conferido por ele incorre no sentimento dos estudantes da Moradia não possuírem a imputabilidade moral em pé de igualdade com seus pares.

Ademais, foi apontado como, muitas vezes, a Moradia carrega uma imagem estigmatizada, especialmente pela vitimização “a partir de um viés de sofrimento”, conforme dito por “Tiffany”. Tal perspectiva é considerada um reducionismo, visto que considerar indivíduos que pertencem a “determinado campo sofrem sempre” é ignorar “essas vivências interseccionadas e dialéticas”.

Já no segundo subtema, “cultura acadêmica nociva”, estão agrupados aspectos próprios do meio acadêmico que se mostram contraditórios à lógica de produção de conhecimento popular e emancipatório. Primeiramente, uma vez que a universidade está inserida no contexto socioeconômico neoliberal, acaba por incorporar e reproduzir sua lógica e as exigências do mercado na formação acadêmica (Maia, 2022). Tal influência é sentida através da “competitividade incitada na sala de aula” (“Wendy”), da reprodução das demandas do mercado de trabalho, de avaliações que não mensuram o processo de construção de conhecimento, da exigência de hiperprodutividade por “engajar em vários projetos e escrever publicações” (“Tiffany”), mas resultando em uma produção acadêmica acrítica e esvaziada de sentido que “não trabalha a materialidade” (“Wendy”) da realidade vivida, se afastando da concepção freireana libertadora de educação em virtude de uma concepção “bancária” ausente de criatividade, transformação e saber (Freire, 1987). Diante dessa

incoerência, “Tiffany” considera que “uma ação prática vale mais do que um artigo publicado”.

Ademais, percebe-se uma lacuna entre a democratização do acesso à universidade e os processos de ensino. Esta é percebida nos discursos de desconsideração docente das desiguais realidades e bagagens de aprendizado na educação básica dos estudantes, como “você deviam ter tido esse conteúdo no ensino médio”, sendo que muitos “nunca viram isso na vida” (“Kirito”). Nesse contexto, “Sofia” descreve como são “tratados como iguais, (...) mas quando você sai da sala de aula, você sente que não é só isso; eu tô bem mais embaixo e você tá um pouquinho andado já”. Ainda nesse sentido, foi apontado como as relações de poder entre professor e aluno ainda precipitam despotismos, especialmente entre cursos das ciências exatas, onde há uma cultura exacerbada, por vezes “carniceira” (“Julia”), em todos estes aspectos. Uma outra faceta desta realidade é a dificuldade dos participantes em se manterem em “um curso que não é feito para pessoas pobres” (“Julia”), na medida em que muitos exigem materiais, recursos e deslocamento em transporte inacessíveis, além a realidade institucional ser distante das suas, tendo um exemplo na ausência de “professores que a gente pode se espelhar” (“Heloisa”).

Enfim, foi relatado o incômodo dos estudantes diante da construção de uma imagem da universidade enquanto ambiente democrático, que ainda não corresponde à realidade vivida por eles. “Wendy” apontou tal contradição entre “*slogans* com os nomes das minorias dizendo que esse é um ambiente inclusivo” e “um ambiente tão caótico para cabeça dessas pessoas”.

Por fim, no subtema “questões macropolíticas” estão reunidas as expressões da conjuntura social, cultural, política e econômica mais ampla sobre a qual o cotidiano da experiência dos participantes se estrutura. As mudanças na orientação das políticas nacionais de educação implicam transformações na materialidade da vida dos estudantes, percebidas no

exemplo de “José”, que apontou a “percepção de que antes de eu entrar na graduação tinha mais segurança do que hoje, não sei se por conta dos cortes de verba, mas parece que foi diminuindo os funcionários”.

Ademais, a descaracterização dos direitos prescritos pelas políticas sociais por meio da ideologia antiestatal, característica da face econômica neoliberal brasileira (Sawaia, 2017), configura uma dimensão cultural de desrespeito ao reconhecimento jurídico amplamente disseminada. Nesse sentido, os direitos garantidos de acesso à universidade e à permanência estudantil “muitas vezes as pessoas enxergam isso como privilégio”, sendo “que você só quer o mínimo possível para poder realizar o seu trabalho” (“Kirito”), expressando “a transmutação do ‘direito’ em ‘favor’ (Sawaia, 2017, p. 24). Tais ideias são reproduzidas em discursos ouvidos por “Julia”, como “‘Nossa, você reclama demais para quem não paga aluguel’, meio que dizendo que é um privilégio (...) que a gente está reclamando de barriga cheia” e por “Wendy” por “professores extremamente egocêntricos falando que os alunos pobres são preguiçosos e que a [universidade] caiu na nota geral de ranking por conta das cotas”.

Outra dimensão macropolítica da dialética exclusão/inclusão é a desigualdade social de acesso à universidade. Isso porque, uma vez que a categoria “pobreza” não consiste em um grupo homogêneo, mas em uma heterogeneidade de realidades socioeconômicas unidas pela condição relacional de assistência com o Estado (Sawaia, 2017). Desse modo, “mesmo carregando o título de sermos pobres” os estudantes da Moradia estão incluídos nas políticas de educação, ainda que desigualmente, visto que a pobreza “tem vários níveis” e permanecem excluídos “os favelados, as pessoas que recebem zero reais e moram à margem do país” (“Wendy”). Além disso, o vestibular foi apontado como instrumento essencialmente operado como mecanismo de restrição do acesso ao ensino superior.

Como fenômeno que atravessa dimensões sociopolíticas, institucionais e relacionais, experiências de racismo no contexto universitário foram apontadas. “Julia” relata:

Até racismo já sofri na sala de aula (...) Sabe, tem momentos no meu curso que ninguém quer fazer trabalho comigo porque ‘ah é a indígena eu não gosto de fazer trabalho com indígena’ (...), mesmo você provando que você é muito bom naquilo, as pessoas não querem fazer trabalho com você. Às vezes dentro do curso mesmo é solitário. Professor já chegou para mim e disse ‘ah não sabia que tinha laboratório na sua tribo’. Foi [algo] que quase fez eu desistir de tudo e voltar para minha casa. (...) Até o meu cabelo eu cortei porque chamava muita atenção. Quando eu cheguei na sala com aquelas pinturas de proteção (...) o professor começou (...) ‘O que é isso? Você é indígena?’ Aí eu falei ‘sou’. E aí começou a perseguição, sabe? Chegou um dia que ele disse isso ‘não sabia se tinha laboratório na sua tribo, mas aqui é desse jeito’. Ele já chegou para mim e falou ‘você não se encaixa com seus colegas’ (...) Você é excluída, você não vai para festa, você não tá ali naquela panela e você é excluída. (...) Se perguntar lá no meu curso a quem a “Julia”, eles vão falar ‘ah a *índia*’. Já chegaram para mim e falaram ‘ah porque que você não esconde se você é indígena?’ Mas como é que eu vou fazer um negócio desse se o DDD 92 está na minha cara, como eu vou esconder que eu sou indígena? Então, meu cabelo eu tive que cortar, porque ‘ah ela tem cabelão’ e isso tudo me fez ficar com vergonha dos meus traços. É um negócio muito insano. (...) Eu já escutei tipo ‘ah eu sei que tem índio na sala, vocês sabem como funciona uma calculadora?’ (...) Mas eu continuei aqui mesmo depois do que aconteceu, porque, cara, eu saí de tão longe para sofrer racismo aqui na

faculdade, que era para me acolher, que estampa que aqui tem negro, trans indígena, PCD e era para ser uma coisa universal.

(d) *Conflitos com a gestão.* Neste núcleo de sentido estão reunidos os desafios na relação entre estudantes e a gestão da Moradia (Figura 12). Trata-se de um terreno conflituoso, na medida em que os servidores do Departamento de Assistência Estudantil ocupam uma posição ao mesmo tempo representativa da instituição, mas responsável por trabalhar com o cotidiano desafiador dos estudantes, de forma que situações em que os estudantes “têm que ficar brigando com a Seção de Moradia para conseguir o mínimo” (“Julia”) são recorrentes.

Figura 12

Núcleo de sentido: *Conflitos com a gestão*



A ausência de uma aproximação efetiva entre estudantes e gestão foi apontada como desafio relevante. Este se expressa na falta de participação dos estudantes nos processos de decisões sobre a gestão da Moradia, bem como distância de “técnicos de referência que nunca pisaram na Moradia” (“Sofia”) que, muitas vezes, “não consultaram as necessidades reais que a gente tem e simplesmente decidiram pela gente” (“Wendy”), gerando o sentimento de invisibilização e abandono. Tal condição resulta na fragilização da cidadania e da

representatividade coletiva dos estudantes na administração dos recursos de seu território, favorecendo a substituição da figura do cidadão pelo consumidor insatisfeito (Sawaia, 2017).

A posição da Moradia enquanto intersecção de um setor institucional da universidade ao mesmo tempo que um lar para seus moradores também se mostra desafiadora. Isso porque muitos “olham a Moradia como se fosse um departamento (...), não olham como se fosse uma morada; e deveriam olhar como se fosse um condomínio porque é o lugar que a gente mora; (...) isso aqui não é o AT2¹³, é uma casa” (“Tiffany”).

Além disso, confusões e desorientações decorrentes de condições programáticas insuficientes em relação às informações foram destacadas. Este desafio se expressa na dificuldade de acessar informações em relação ao funcionamento da Moradia, suas regras, bem como da aparente ausência de registros administrativos sobre as ocorrências, favorecendo a recorrência de problemas antigos. Outra expressão dessa dimensão é o processo do Programa de Assistência Estudantil (PAE), demasiadamente burocrático e mal adaptado ao calendário de ingresso à Universidade, de modo que muitos estudantes aptos e necessitados de assistência apenas são contemplados após o início das atividades letivas.

Enfim, a chegada e o acolhimento na Moradia foram apontados como desafiadores. Isso porque, não há uma recepção organizada dos ingressantes, sendo comuns as experiências de os moradores serem pegos “de surpresa” com novos estudantes em sua casa, o que “desconfortável para elas e para mim” (“Julia”).

(e) Demandas de saúde. Aqui estão agrupadas as dimensões relacionadas ao processo saúde-doença na experiência dos participantes (Figura 13). Suas manifestações são compreendidas diante do processo de desafiliação social, através do qual projetos-doença individuais são oferecidos aos sujeitos enquanto alternativa de reconhecimento de experiências de adoecimento social (Sawaia, 2017).

¹³ Edifício de Aulas Teóricas (AT)

Figura 13

Núcleo de sentido: Demandas de saúde



Experiências de adoecimento físico e mental foram relatadas em justaposição à experiência universitária. “Sofia” relatou seu itinerário de saúde que, em função do sofrimento intenso, teve “sintomas físicos por conta da saúde mental”, ficando “internada muitas vezes sozinha na UPA”, destacando que sua experiência “devorou minha saúde, minha energia, me sugou de uma forma que eu cheguei a ficar internada na UPA por desnutrição; eu ficava muito nervosa e vomitava bile de tanta ansiedade que eu sentia (...) eu sentia o meu corpo se desfazer”.

Ademais, os participantes apontaram a falta de serviços de cuidado em saúde voltados para o estudante. Ainda que a universidade conte com o Departamento de Atenção à Saúde (DeAS), voltado para a promoção de saúde à comunidade UFSCar, seus recursos se mostram limitados em relação à demanda dos estudantes. Diante disso, passam a depender de acessar a rede de atenção à saúde do município, geograficamente distante e organizacionalmente desarticulada para suprir suas necessidades de saúde.

Enfim, questões relativas à saúde sexual também foram trazidas, especialmente no Grupo das Quartas. Nesse sentido, o reflexo da fragilidade da educação sexual na realidade brasileira se manifesta na falta de conhecimento de muitos jovens acerca de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em um contexto e etapa do desenvolvimento marcados pelo exercício da vida sexual, em risco nessas condições (Krauskopf, 2005). Assim,

foi apontada a falta de ações de promoção de saúde sexual, bem como de saúde menstrual, fragilizada pela vulnerabilidade econômica.

(f) *Vínculos*. Este núcleo de sentido agrupa os desafios das relações interpessoais no contexto da Moradia (Figura 14). Deve ser compreendido diante da noção de relações de exclusão, enquanto processo psicossocial da dialética exclusão/inclusão (Sawaia, 2017).

Figura 14

Núcleo de sentido: Vínculos



Percebe-se a configuração enfraquecida dos vínculos sociais. Trata-se de um tipo específico de relação social entre um grupo heterogêneo, unido pela condição de assistência de serviços sociais, não pela interação de seus membros, onde a interiorização de uma identidade negativa e a introspecção imperam, em função do contexto econômico, político e social (Sawaia, 2017). Este enfraquecimento é sentido pelos participantes como solidão decorrente do individualismo, expressada por “José”, que, “quando entro no meu quarto, parece que eu tô sozinho; (...) eu percebo que eu não tenho amigos, eu tenho colegas em casa” e por “Helena”, que aponta como “as pessoas que você não conhece dentro da Moradia geralmente elas não se falam não se conversam (...), como se tivesse uma cultura de cada um ter o seu espaço, a sua vida”.

Também foram relatados os desafios da convivência. Em função tanto dos vínculos enfraquecidos quanto da condição material de espaço reduzido para muitos moradores, como na experiência de “Heloisa”, cujo “apartamento tem três quartos, ele é bem pequeno, e ele

tem nove pessoas (...), então imagina querer estudar, enquanto tem uma pessoa que quer dormir, e tem uma pessoa que quer fazer outra coisa”, logo, “se você estiver bem com as pessoas que você mora, é muito legal; mas se estiver ruim, sua vida vira um inferno”.

Ademais, o caráter de rivalização nas relações se mostrou relevante. É importante compreender este fenômeno à luz dos pressupostos psicossociais da exclusão de competitividade e culpabilização, que explicam a incorporação dos ideais neoliberais de progresso a partir da competição no campo das relações humanas. Nesse sentido, instala-se a lei da competitividade entre os sujeitos, que são responsabilizados individualmente por seus sucessos e fracassos, resultando na culpabilização psicológica e no apagamento das causalidades históricas e sociais. Deste modo, a frustração dos indivíduos derivada das condições de desigualdade social são deslocadas para seus pares, uma vez que sua verdadeira causa é muito poderosa ou mal identificada, culpabilizando uns aos outros e tornando-se alvos mais frágeis e acessíveis para sua agressividade (Sawaia, 2017).

Tal dinâmica é percebida no cotidiano e descrita por “Julia”. A participante aponta como as pessoas “acabam virando amargas, frustradas com as coisas e acabam tendo isso como uma defesa, destilando raiva, xingamento, ódio, criando confusão até com os outros; mas ao mesmo tempo, a pessoa só tá querendo se defender, é uma pessoa que sofre”. Também destaca como esse tipo de relação é potencializada pela necessidade de disputa por recursos de assistência, como bolsas de permanência, a partir da qual os estudantes deveriam “se unir para ir contra esse sistema, mas não, tá cada um lutando um contra o outro”.

Enfim, a dificuldade de engajamento dos estudantes da Moradia em projetos coletivos foi apontada. É importante compreender que o projeto é uma condição humana organizadora da existência, um “sintoma de normalidade”, no entanto, tal participação é experienciada diferentemente pelos sujeitos em função do lugar social que ocupam e do campo de possibilidades que têm acesso (Sawaia, 2017). Nesse sentido, para poder agir como sujeito

moralmente imputável, os indivíduos precisam de um nível de vida que permita a participação no processo público juridicamente assegurado, de forma que estabelecerão relações de reconhecimento social recíproco quando é pressuposto um contexto comunitário articulado em torno de objetivos comuns (Honneth, 1949/2009). Esta condição é ausente no contexto da Moradia Estudantil, onde a exaustão cotidiana para cumprir com as atividades básicas foi apontada como grande desfavorecedor do engajamento coletivo, inserida em um contexto social e cultural mais amplo de laços fragilizados.

(g) Sofrimento. Como síntese subjetiva da vivência de todas as categorias de desafios está o conjunto de experiências agrupadas neste núcleo de sentido (Figura 15). As experiências de sofrimento aqui descritas devem ser entendidas como produto dos modos de vida inseridos na dialética exclusão/inclusão, em sua natureza ético-política (Sawaia, 2017), e como decorrência das experiências de desrespeito nas relações de reconhecimento (Honneth, 1949/2009).

Figura 15

Núcleo de sentido: Sofrimento



Primeiramente, percebe-se um conjunto de categorias de sofrimento decorrente das condições materiais de existência na Moradia Estudantil. São os sentimentos de: frio; desconforto; falta de privacidade, de forma que “você se torna público” (“Sofia”); e aprisionamento, sendo este sentido como uma verdadeira “barreira, porque a hora que a gente sai da Moradia a gente ainda tá na UFSCar” (“Helena”) e algumas experiências descritas como “prisões” (“Heloisa”).

Também é percebido um conjunto de sofrimentos relacionados ao questionamento de si e ao rebaixamento da autoconfiança, enquanto uma autorrelação de segurança emotiva fundamental, e da autoestima, enquanto reconhecimento da viabilidade dos projetos pessoais de autorrealização (Honneth, 1949/2009). Questionamentos como “será que eu to no lugar certo? será que eu realmente deveria estar aqui?” (...) será que eu sou bom pra pesquisa mesmo?” (“José”) refletem a falta de identificação e pertencimento com o ambiente universitário, que se estende inclusive à Moradia, sentida como “um lugar que me faz questionar muito minhas questões internas” (“Sofia”) e “como se fosse um espaço permanentemente alugado (...) porque é a sua casa, mas, às vezes, não é” (“Mateus”).

Ademais, também nota-se um grupo de sofrimentos relativos à desesperança diante da desilusão das expectativas sobre o ingresso na universidade, em função da intensidade dos desafios cotidianos constantes . A pichação apresentada “Vim, fracassei, virão outros”¹⁴ despertou reflexões acerca da transitoriedade dos estudantes que passam, mas permanência dos desafios que enfrentam, percebidas como “um novo ciclo de pessoas repetindo o que outras fizeram (...), mas um ciclo que acaba sempre se repetindo” (“Kirito”) e o sentimento de que “serei só mais um (...) aqui na Moradia, que vão vir muitas pessoas ficar no meu quarto, antes de mim tinham outras” (“José”) e “esses problemas graves continuam sem se resolver, isso causa desistência” (“Julia”).

¹⁴ Presente na Figura 3 “Disparadores do encontro 2: Pichações”

Os impactos da vulnerabilidade se mostram especialmente influentes em determinadas experiências de sofrimento. A distância de casa implica, num nível individual, estar “sozinha sem ter ninguém da família perto e vai batendo uma tristeza muito grande” (“Julia”), que intensifica os desafios próprios da fase da vida da juventude ao iniciar a transição para a vida adulta. Além disso, o componente programático de falta de registros da história da Moradia implica em sofrimento pela perda de referências positivas de um passado diferente e um futuro possível. Enfim, o componente social de racismo também implica graves consequências, mas específicas, sobre a autoconfiança, autoestima e autorrespeito dos sujeitos, visto que os que foram vítimas desse tipo discriminação apontam como “doeu tanto, tanto, tanto, (...) eu me senti a pessoa mais feia, mais inútil, mais incapaz”, trazendo inclusive impactos acadêmicos, em função da aversão de estar nos ambientes onde ocorreu, além do engajamento em comportamentos autodestrutivos.

Parte das experiências de sofrimento possuem íntima relação com a dimensão acadêmica. Isso porque a lógica de produtividade incorre na excessiva autocobrança, as comparações injustas com estudantes de realidades socioeconômicas diferentes incorrem no sentimento de estar para trás, e a necessidade de lidar com tantas dificuldades para subsistir incorre em prejuízos no desempenho acadêmico e no esgotamento mental e físico. Tal cansaço se sedimenta em uma outra camada de sofrimento, o adoecimento.

Diferentes modos de adoecimento foram apontados. Para além da saúde física, no que tange à saúde mental, foram explicitamente mencionados os sintomas depressivos e ansiosos, desdobrados em suas formas específicas de ansiedade social e no contexto acadêmico, no que tange ao desempenho e às relações com docentes. No entanto, entende-se que todo esse amplo quadro de experiências de sofrimento configuram facetas de adoecimento e comprometimento da integridade psíquica, de forma que foram relatados não apenas experiências pessoais de pensamentos e tentativas suicidas, mas o testemunho de suicídios

acontecidos na Moradia. Nesse contexto, os participantes não se surpreendem que as condições de vida que compartilham tenham resultado na ocorrência de mais de um episódio desse tipo, mas não deixam de se indignar com este fato, cuja experiência de luto marcou profundamente os que o vivenciaram.

O relato a seguir foi feito a respeito do dia em que houve uma morte por suicídio na Moradia. Não contém descrições gráficas, visto que o ocorrido não foi presenciado, apenas vivenciado indiretamente por outra moradora. Apesar de sua sensibilidade, entende-se sua relevância em ilustrar o impacto do luto nesse contexto. “Julia” relata:

Eu nunca vou esquecer o que aconteceu aqui, me chocou muito. Na época que aconteceu, eu tinha acabado de chegar na faculdade e eu via sempre ele pela Moradia. Parecia ser uma pessoa com muitos amigos, uma pessoa alegre, só que a gente vê assim mas não conhece a realidade das pessoas que estão ali. (...) Eu lembro até hoje, foi um dia horrível que eu não fui para a aula, e eu fui lavar a minha roupa, (...) e a lavanderia é próxima ao prédio em que aconteceu, e eu tive uma sensação muito estranha (...). Depois, na hora que eu *tava* saindo da lavanderia, uma colega minha (...) saiu correndo para chamar a ambulância. (...) Eu nem sabia o nome dele e eu não queria nem associar o que eu tinha acabado de presenciar com a pessoa que eu via todo dia na Moradia, que sempre dava oi, sempre sorria (...) Eu fiquei tão chocada, na hora parece aquele gelo que você paralisa. Eu já tinha ouvido falar que tinha acontecido essas coisas na Moradia, mas eu não achei que isso ia acontecer de novo tão cedo e, logo quando eu cheguei, aconteceu. (...) Não fazia sentido aquilo que aconteceu, (...) eu fico meio sem entender. Mas só convivendo um pouco mais na Moradia, e não só na moradia mas na faculdade, a gente começa a entender de certa forma.”

Enfrentamentos: Articulação da luta por reconhecimento.

Uma vez que a vivência dos estudantes na Moradia Estudantil não se resume ao sofrimento, o eixo analítico dos enfrentamentos é composto por seis núcleos de sentido que dizem respeito às diferentes estratégias, existentes e possíveis, para mitigar a complexidade dos desafios vividos nesse contexto, à luz do projeto de vida da eticidade alcançável através da luta por reconhecimento. São eles: (a) Fortalecimento coletivo; (b) Fortalecimento pessoal; (c) Reivindicação política; (d) Cuidado em saúde; (e) Entidades estudantis; (f) Medidas para permanência.

A Luta por Reconhecimento: Fortalecimento pessoal X Fortalecimento coletivo X Reivindicação política. Na medida em que constituem diferentes facetas de um mesmo processo, os três primeiros núcleos de sentido do eixo dos enfrentamentos serão apresentados separadamente, mas compreendidos como complementares, a partir da estrutura das relações sociais de reconhecimento proposta por Honneth (1949/2009).

(a) Fortalecimento pessoal. Neste núcleo de sentido estão reunidos os atributos relativos ao fortalecimento da dimensão subjetiva individual, que inclui o sentimento de autoconfiança criado pelo amor (Honneth, 1949/2009), mas não se limita a ele, agrupando outros sentimentos de segurança emotiva (Figura 16).

Figura 16

Núcleo de sentido: Fortalecimento pessoal



Em um primeiro nível, as relações de amor enquanto processo de liberação e ligação emotiva a outras pessoas, sejam elas parentais, eróticas ou de amizade (Honneth, 1949/2009)

se mostram como um nível de fortalecimento individual. Embora este não seja um campo onde se possa projetar estratégias de promoção, é perceptível a importância do papel que os vínculos bons estabelecidos pelos participantes exercem sobre a força para permanecerem. Além das amizades, foi destacado como a intimidade afetivo-sexual confere uma experiência de afeto importante, a ponto de sustentar relacionamentos por vezes incoerentes, em função da experiência de reconhecimento mútuo específica que fornece.

Ademais, sentimentos ligados ao amadurecimento gerado pela superação das grandes adversidades, que também geraram sofrimento, são responsáveis por fortalecer a autoconfiança em perseverar. Nesse sentido, apesar de os desafios incorrerem em sofrimento demasiado e desnecessário, é “também uma experiência muito subversiva” (“Tiffany”) de “muito aprendizado, porque você conhece um mundo diferente e tem que se adaptar e aprender” (“Wendy”). Este sentimento é expressado por “Julia”, que relata como “quando sair daqui, nada mais vai me abalar, porque se eu não desistir naquela época eu não vou desistir agora”. De forma similar, como correspondente positivo de uma experiência também desafiadora, a solidão foi apontada como um contraponto importante à solidão, se referindo a importância de momentos de introspecção reflexiva diante do caos cotidiano.

O status conferido pelo acesso a uma instituição de ensino superior também foi destacado como um atributo individual operador de transformações. O título de estudante universitário confere aos participantes um prestígio não possuído anteriormente, na medida em que passam a atender a valores culturalmente reconhecidos, o que gera estranhamento. “Tiffany” relata como “o comportamento [dos profissionais de saúde] mudou” em uma unidade de saúde que sempre frequentou, no momento em que mencionou ser estudante universitária, apontando como “é muito louco” o fato de ter pensado “a vida inteira que eu jamais conversaria de igual para igual com eles” e isso ter mudado tão bruscamente.

(b) *Fortalecimento coletivo*. Este núcleo de sentido agrupa as experiências de enfrentamento no campo das relações de reconhecimento da solidariedade, referentes ao fortalecimento da estima social em contextos comunitários orientados pela concepções de objetivos comuns (Honneth, 1949/2009)

Figura 17

Núcleo de sentido: Fortalecimento coletivo



(c) *Reivindicação política.*

Cuidado em saúde.

Entidades estudantis.

Medidas para permanência.

7. Considerações finais

Como a experiência de desrespeito está ancorada nas vivências afetivas dos sujeitos humanos, de modo que possa dar, no plano motivacional, o impulso para a resistência social e para o conflito, mais precisamente, para uma luta por reconhecimento? (Honneth, 1949/2009, p. 214).

Referências

- Albuquerque, C., da Silva, A., & de Matos, R. (2020). CRISE BRASILEIRA, EDUCAÇÃO SUPERIOR E SOFRIMENTO PSÍQUICO: SINTOMAS MÓRBIDOS DE UM TEMPO DA DESESPERANÇA. *Conexões - Ciência e Tecnologia*, 14(1), 7-13. doi:<https://doi.org/10.21439/conexoes.v14i1.1815>
- Ayres, J. R. C. M., França Júnior, I., Calazans, G. J., & Saletti Filho, H. C. (2003). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In R. C. P. Czeresnia & C. E. de Freitas (Orgs.), *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp. 117–139). Editora Fiocruz.
- Bleicher, L. & Bleicher, T. (2016). *Saúde para todos, já!* (3ª ed.). EDUFBA. <https://books.scielo.org/id/x8xnt/pdf/bleicher-9788523220051.pdf>
- Brasil (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 196. Recuperado em 30 de outubro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- Brasil (2001). Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF. Recuperado em 13 de outubro de 2023 de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm
- Brasil. (2010). Decreto N° 7.234, de 19 de Julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, DF. Recuperado em 31 de outubro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm
- Colasanti, M. (1937/1996). *Eu sei, mas não devia*. (1ª ed.). Rocco.
- Cruz, N. F. de O., Gonçalves, R. W., & Delgado, P. G. G.. (2020). Retrocesso da reforma psiquiátrica: o desmonte da política nacional de saúde mental brasileira de 2016 a 2019.

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00285>

- Dunker, C. (2021). A hipótese depressiva. In V. Safatle, N. da S. Junior, & C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1ª ed., pp. 177-212). Autêntica.
- Eilish. B., O'Connell, F. (2023). What was I made for? [Música]. Em *Barbie The Album*. Darkroom/Interscope Records.
- Erikson, E (1987). *Identidade, juventude e crise*. Guanabara.
- Fonaprace. (2018). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES - 2018. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Recuperado em 31 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Clique-aqui-para-acessar-o-arquivo-completo.-1.pdf>
- Freire, P. (1987). A concepção bancária da educação como instrumento da opressão. In *Pedagogia do oprimido* (17ª ed., pp. 33–43). Paz e Terra
- FUFSCar, Fundação Universidade Federal de São Carlos. (2021). Resolução CoACE N. 50, de 15 de dezembro de 2021. Conselho de Assuntos Comunitários e Estudantis. <https://www.proace.ufscar.br/arquivos/normas/resolucoes/21-resolucao-coace-50-2021.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020)¹. O que é DDS. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/dss-o-que-e/>
- Gerwig, G. (Diretora). (2023). *Barbie* [Filme]. Warner Bros Pictures; Heydey Films; LuckyChap Entertainment; NB/GG Pictures; Mattel Films.
- Honneth, A. (1949/2009). *Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* (2ª ed.). Editora 34.

- Innocencio, G., & Mendonça, M. (2021). O sofrimento psíquico na sociedade capitalista e neoliberal sob a ótica da determinação social do processo saúde-doença. *Mosaico (Vassouras)*, 12(3), 16-22
- Junior, A. L., Pinho E. C., de Oliveira, L. C. (2022). Da transgressão à conscientização: os sentidos no discurso verbo-visual de pichações no contexto da pandemia. *Primeira Escrita*, 9(1), 84-97. <https://doi.org/10.55028/rpe.v9i1.15466>
- Kantorski, L., Cardano, M., Antonacci, M., & Guedes, A.. (2021). Política de saúde mental brasileira: Uma análise a partir do pensamento de Franco Basaglia / Brazilian mental health policy: An analysis based on Franco Basaglia thought. *Journal of Nursing and Health*, 11(2), *Journal of Nursing and Health*, 2021, Vol.11 (2).
- Kluthcovsky, A. C, & Kluthcovsky, F. A.. (2009). O WHOQOL-bref, um instrumento para avaliar qualidade de vida: uma revisão sistemática. *Revista De Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 31(3). <https://doi.org/10.1590/S0101-81082009000400007>
- Krauskopf, D. (2005). Juventudes na América Latina e no Caribe: dimensões sociais, subjetividades e estratégias de vida. In Thompson A. (Org.), *Associando-se à juventude para construir o futuro* (pp.149-196). Petrópolis.
- Maia H. (2022). *Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades* (1ª ed.). Ruptura
- Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos De Psicologia (natal)*, 2(1), 7–27. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>
- Minayo, M. C. de S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Ministério da Saúde. (2005). *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Secretaria de Atenção à Saúde, Coordenação Geral de Saúde Mental. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf

- Ministério da Saúde. (2011). Portaria N° 3.088, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Recuperado em 24 de outubro de 2023. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html
- Neves, A., Ismerim A., da Costa F., dos Santos L., Senhorini M., Beer P., Bazzo R., Coelho S., Carnizelo V., Junior N. (2021). A psiquiatria do neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In V. Safatle, N. da S. Junior, & C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1ª ed., pp. 125-176). Autêntica.
- Organização Mundial de Saúde. (1946). Constituição da Organização Mundial de Saúde. Recuperado em 30 de outubro de 2023.
- Organização Mundial de Saúde. (2018). Health inequities and their causes. Recuperado em 30 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.who.int/news-room/facts-in-pictures/detail/health-inequities-and-their-causes>
- Organização Mundial de Saúde. (2023). Social determinants of health. https://www.who.int/health-topics/social-determinants-of-health#tab=tab_1
- Osse, C. M. C., & Costa, I. I. da .. (2011). Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos De Psicologia (campinas)*, 28(1), 115–122. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>
- Padovani, R. D. C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F. D., Cavalcanti, H. A. F., & Lameu, J. D. N. (2014). Vulnerability and psychological well-being of college student. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1). <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>

- Penha, J. R. L., Oliveira, C. C., & Mendes, A. V. S. (2020). Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa/ University student mental health: integrative review/ Salud mental del estudiante universitario: revisión integrativa. *Journal Health NPEPS*, 5(1), 369–395. Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3549>
- Pichon-Rivière, E. (1986). *O processo grupal* (2ª ed.). Martins-Fontes.
- Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. da S. Junior, & C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (1ª ed., pp. 17-46). Autêntica.
- Santos, S. R. (2024). As bases materiais do ser social a partir de A ideologia alemã. *Revista Katálysis*, 27, e00614. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2024.e00614>
- Sawaia, B. (Org.) (2017). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (14ª ed.). Editora Vozes.
- Shaffer, D. R. (2011). Teorias do desenvolvimento humano. In _____ *Psicologia do desenvolvimento: Infância e adolescência* (8ª ed., pp. 35-66). Pioneira Thomson Learning.
- Silva, M. (2022). Review “Neoliberalismo e sofrimento psíquico: o mal-estar nas universidades”, Heribaldo Maia. Recife: Ed. Ruptura, 2022. *Prometheus - Journal of Philosophy*, 14(40). <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v15i41.18397>
- Sistema de Apoio à Gestão Universitária Integrada (2025). Dashboard, Universidade Federal de São Carlos, Graduação. <https://sistemas.ufscar.br/sagui/dashboard>
- UFSCar, Universidade Federal de São Carlos. (2023). Política de Saúde Mental. Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis. Coordenadoria de Articulação em Saúde Mental.

Anexos

Anexo 1

WHOQOL-bref

Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor, responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha.

Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas.

Por exemplo, pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser:

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas. Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu "muito" apoio como abaixo.

	nada	muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	<u>4</u>	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
1	Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5

9	Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?	1	2	3	4	5
---	--	---	---	---	---	---

As questões seguintes perguntam sobre quão completamente você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5

		muito insatisfeito	insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?	1	2	3	4	5
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5

23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	algumas vezes	frequentemente	muito frequentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão?	1	2	3	4	5

Alguém lhe ajudou a preencher este questionário?

R:

Quanto tempo você levou para preencher este questionário?

R:

Você tem algum comentário sobre o questionário?

R:

Apêndices

APÊNDICE 1

Questionário socioeconômico

a) Dados pessoais

1. Nome:

2. Idade:

3. Gênero: () Homem cisgênero () Homem transgênero () Mulher cisgênero () Mulher transgênero () Não-binário () Outro: _____

4. Raça/Etnia (Classificação de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE):

() Preta

() Parda

() Amarela

() Indígena

() Branca

5. Telefone Celular:

6. E-mail pessoal:

7. Naturalidade (cidade de origem):

8. Escolaridade:

- Ensino Fundamental: () Rede pública () Rede particular () Ambos

- Ensino Médio: () Rede pública () Rede particular () Ambos

- Ensino Superior: () Rede pública () Ambos

9. Curso de Graduação: (ano de ingresso / ano de término)

ou curso de pós graduação: (ano de ingresso / ano de término)

10. Forma de ingresso na UFSCar

SISU/ENEM

Vestibular Indígena

Transferência externa

11. É contemplado com alguma bolsa científica, acadêmica ou de permanência?

- Caso sim, qual/quais?

12. Exerce alguma atividade remunerada, exceto bolsa científica, acadêmica ou de permanência? Sim. Qual? _____ Não

13. Seus pais ou responsáveis contribuem com sua renda pessoal? Sim. Caso sim, de que forma? Não

14. Data de ingresso na Moradia UFSCar (mês/ano)

15. Quantas pessoas moram em sua unidade?

16. Você diria que possui vínculo com as pessoas que moram junto com você?

0 (não há) 1 (pouco) 2 (razoável) 3 (bom) 4(forte)

17. Comente sua relação/experiência de viver na Moradia UFSCar (resposta curta)